

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.ºs 209 e 210 — Domingo, 16 de Junho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ao iniciar o 5.º ano de publicação, o «Notícias do Algarve» cumprimenta os seus leitores e saúda cordialmente todos os colegas da Imprensa Regionalista.

## A BOA IMPRENSA

QUANDO fazemos o costume e simples gesto de puxar pelo porta-moedas para pagar o jornal matutino ou vespertino, que nos há-de pôr em dia com os últimos acontecimentos nacionais e internacionais, não esperamos somente que ele nos comunique simplesmente os factos em si, mas sim que nos ajude a fazer uma ideia quanto possível exacta das suas consequências quer no plano interno quer no ambiente exterior. Por isso, a missão dos orientadores da Imprensa é importantíssima na formação dum opinião pública que represente, dentro da verdade, a ambiência mais con-

veniente para a vida social, para o progresso e até para a defesa da Nação.

Por isso, o ilustre ministro da Presidência, prof. doutor Marcelo Caetano, aproveitou o ensejo que a inauguração do Congresso da Federação Internacional dos Chefes de Redacção, que recentemente se realizou em Lisboa, com a participação de jornalistas de todo o Mundo, lhe ofereceu, chamando a atenção destes para os problemas que o jornalismo moderno constantemente defronta e se vê obrigado a resolver com pronta decisão e sentido educativo, no sentido de que da sua missão e da orientação dada aos seus jornais possa resultar um benefício geral, e não uma fonte de mal estar. Num passo do seu discurso, disse o sr. prof. doutor Marcelo Caetano:

«Pode dizer-se que no trabalho do chefe de Redacção não há um só acto, uma só decisão que tenha carácter estritamente técnico». E esclarecendo o seu ponto de vista:

«Escolher, de entre a

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)

## POLÍTICA

de boa vizinhança

Por um acordo firmado entre as nações da Europa — «cortina de ferro» à parte — foram abolidos os passaportes e os «vistos» para quem quiser circular ao sabor dos chamariaes turísticos, ou necessidade de viajar para tratar da vida. Nas fronteiras desses países, a apresentação de documento idóneo passado pelas autoridades do país do seu possuidor é o «abre-te, Sésamo» necessário.

Não há dúvida: um acordo bastante simpático, num antipático mundo de desacordos!

«Todavia, três excepções se verificam nessa «sinfonia de boa vontade»: a Inglaterra, grudada ao seu tradicional isolamento, a Espanha e Portugal.

Pergunta-se: Com um pouquinho de boa vontade, não seria possível adoptarmos critério idêntico — pelo menos, só para uso peninsular?

Nada haveria de mal, cremos, em eliminar os passaportes e os «vistos», que se intrometem entre nós e «nuestros hermanos». E até dava mais unidade à «família».

## PLANO DE FORMAÇÃO SOCIAL E CORPORATIVA

UAGAROSAMENTE, gradualmente, o Regime Corporativo português fez o seu necessário desenvolvimento, a sua indispensável estruturação de quadros e instituições, a orgânica disciplinada dos seus serviços — e obteve, afinal, a sua desejável consolidação como sistema doutrinado para servir fundamentalmente os interesses económicos, políticos e sociais da Nação.

Nunca é demais repetir que se lhe impôs, desde a primeira hora de vida, a tarefa difícil de lutar contra o vício inveterado do mais desorientado e desorientante indi-

vidualismo, contra a pretensa legitimidade do panorama real que foi, na inspiração estrangeira de falsas e perigosas doutrinações, o da mais acesa e deletéria luta de classes.

Nem é de esquecer que na marcha do seu desenvolvimento necessário houve que marcar aqueles compassos de espera que resultaram das convulsões sociais e políticas de que o Mundo — e a Europa nomeadamente — tem sido, nos últimos 25 anos, palco movimentado e espectacular.

Não obstante tudo isso, contra a força suspensiva de acontecimentos tão contrários ao natural desenvolvimento do sistema corporativo — que, postulando as mais seguras exigências de ordem social, política e económica, encontrou as repercutidas desvantagens da desorientação económica, política e social de alguns países influentes — não obstante estas coisas, o Regime Corporativo português seguiu em frente, não dei-

De vez em quando...

## OS CEGOS

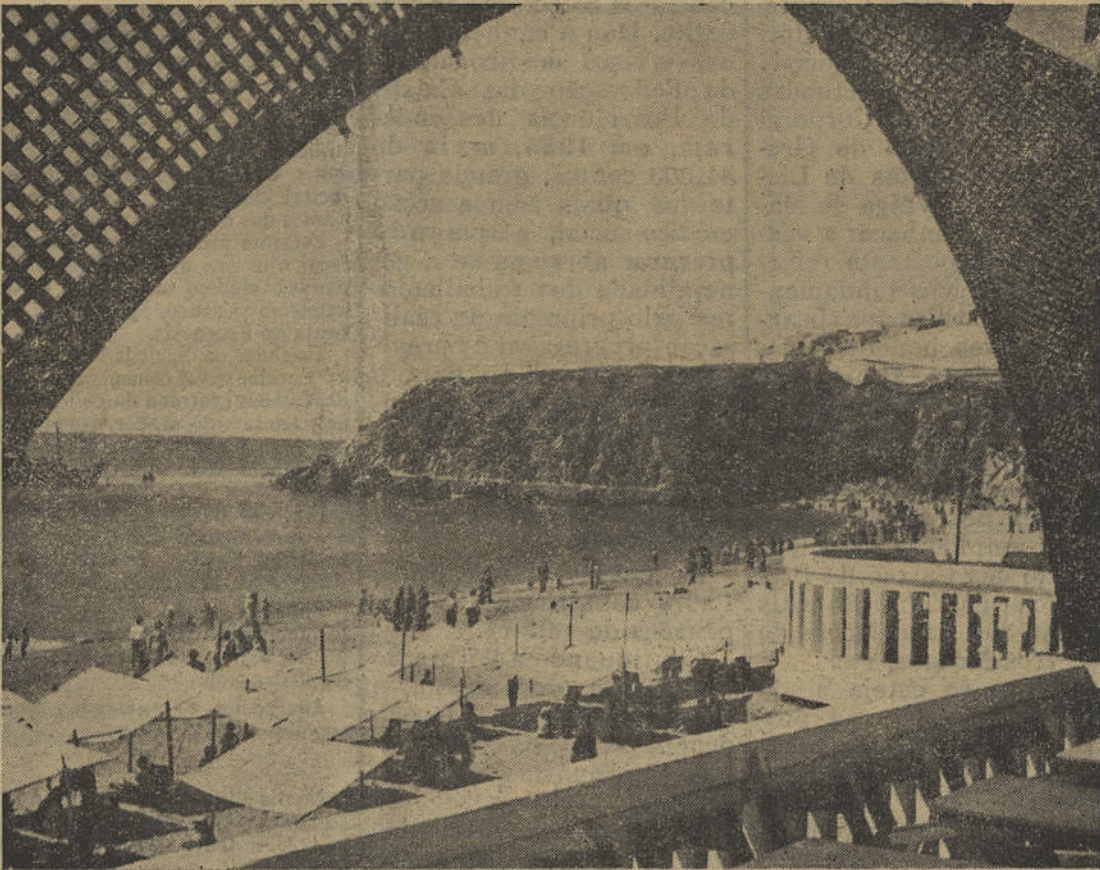
Pelo prof. Trindade e Lima

QUE pena me fazem os cegos que encontro por aí, arrumados às paredes com uma calxinha para esmolas segura entre as mãos!

Infinita deve ser a sua tristeza pela escuridão em que vivem, e, mais ainda, pelo abandono a que os votam.

Não é só pelo gesto frio da moeda caindo na caixa que nós os podemos socorrer. Procurar torná-los activos e úteis a si e aos outros devia ser o nosso maior interesse por eles. Arrumá-los como quem arruma um traste velho por inútil ou desprezível, em um canto do sótão, é a maior desumanidade que para

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)



A praia de Albufeira, uma das mais encantadoras do litoral algarvio, oferece-nos, neste sugestivo aspecto, uma visão de sonho, inspiradora de poetas.

Felizmente, soube inspirar também um capitalista, homem prático e empreendedor, que aprecia devidamente a imensa riqueza que jaz inaproveitada neste «lindo preguiçoso, adormecido ao sol», e resolveu dotar a famosa Praia com um hotel verdadeiramente digno desse nome. Um exemplo que gostaríamos de ver seguido por esse Algarve fora — a começar por Monte Gordo.

## UM SONETO ESPANHOL

### O JOSÉ TOMÁS

II

EM cinco achados se resumiram os meus sonhos dos tempos idos, dessas horas frementes em que a saúde e a alegria se aninhavam na alma e nas veredas da própria existência.

Saber limitar as nossas ambições e desejos ao mínimo, é tirar

da vida um grau de felicidade relativa.

Os ambiciosos, que só lobrigam da vida o prazer do dinheiro, a satisfação da vaidade e o luxo nocivo de correr mundo à doída, não passam de energúmenos à beira de um manicómio ou de uma sepultura.

Gozar a vida, sim, mas com equilíbrio, dignidade e moderação.

O José Tomás vai entrar no plano dos meus cinco ou seis artigos, castigado pela sua velhice ridícula e pelo meu humorismo lamente. Ele estava no ocaso e eu começava a romper no casulo da minha precoce adolescência. Duas

(CONCLUI NA 11.ª PAGINA)

## MARGOS ALGARVE

idades rivais entrecrocavam-se, rindo-se uma da outra.

Um dia, o José Tomás segredou-me este pedido: — O menino é capaz de me escrever uma carta? Mas olhe que é para uma mulher casada, digna de respeito, e é preciso guardar segredo...

O sr. José Tomás conhece-me há já dois anos e sabe, naturalmente, que eu nunca divulguei o conteúdo das cartas que o seu filho lhe remete de S. Tomé e nem mesmo a mensalidade.

O José Tomás sabia ler e es-

(CONCLUI NA 12.ª PAGINA)

## CORVOS

mal informados...

Lemos algures, e aqui o denunciámos, o crocitar de uns corvos que se abespinhavam contra a ideia de um monumento ao Infante, erigido em Sagres — «aonde nunca iria ninguém para o ver»...

Mesmo sem monumento, e aproveitando os feriados de domingo e segunda-feira, se esses corvos de mau agoiro tivessem voado até Sagres, teriam visto muitas centenas de pessoas a deambularem por esse «fim do mundo»...

Mal informados — ou mal intencionados? — corvos! Quando na passada segunda-feira, no curto espaço de poucas horas, vimos os «domínios do Infante» invadidos por cerca de três centenas de pessoas, sentimos ganhas de vos arrancar do brasão alfacinha, arrastar-vos ao Promontório Sacro e meter-vos por esses olhos, indecentemente míopes, o espectáculo dessas centenas de portugueses, com alguns estrangeiros à mistura, que por lá andaram — mesmo sem monumento!

## UM JOVEM PINTOR VILARREALENSE

### EXPÕE EM TÂNGER

VILA Real de Santo António tem mostrado bem o valor de alguns dos seus filhos, quer no campo literário, artístico ou científico.

De vez em quando, uma notícia chega às nossas mãos, onde se enaltece o valor de algum dos nossos conterrâneos, dispersos por esse País fora ou no estrangeiro.

Esta vez, com grata surpresa nossa, deparámos com a notícia de que um antigo amigo nosso, José Valdemar Lopes Correia, natural desta vila, tendo residido muitos anos cá, onde se iniciou nas primeiras letras, expõe vários quadros a óleo, na cidade de Tânger.

Desde muito novo, nós o podemos tertemunhar, mostrou sempre grande habilidade para a pintura.

Quis o destino que a família fosse morar para Espanha, na vizinha cidade de Alamoonte, onde o pai, Lourenço Correia, exercia a profissão de marchante.

Mais tarde, depois de ter concluído, com distinção, os seus estudos nos liceus de Huelva, se-

guiu com a família para Tânger onde fixou residência.

Os anos passaram, e dele apenas nos ficou a vaga recordação de um rapaz calmo e observador, muito estudioso e que desenhava admiravelmente.

Hoje, porém, a sua recordação avultou na nossa memória, quando mão amiga fez chegar junto de nós o recorte de um jornal de Tânger e um programa da exposição na mesma cidade.

Esta exposição, onde Valdemar demonstra todo o seu génio fecundo, a habilidade entusiástica dos seus pincéis, teve lugar nos sumptuosos salões do Casino Espanhol, onde se reúne a mais alta sociedade daquela cidade marroquina.

A exposição foi patrocinada pelo vice-cônsul de Portugal em Tânger, sr. Salvador S. Hassan, que desde há muito reconheceu no nosso conterrâneo todo o seu valor.

São 40 os quadros expostos, todos eles de grande categoria artística, demonstrando fácil adaptação a todos os géneros de

(CONCLUI NA 11.ª PAGINA)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Vou escrever um artigo de fundo

Daqui onde estou, num pequeno terraço a que, dentro de alguns anos, uma cerejeira dará sombra (plantei-a por minhas mãos e queria que só vissem como está crescendo!), ouve-se o mar. Para mim, uma das condições de equilíbrio é ouvir o mar. Quando a sombra de não ter que fazer começa a chegar-me aos dedos, ponho o saquinho ao ombro, como os pobres de pedir, e vou por um carroiro que gosta tanto do mar como eu. Tanto que não conhece outro caminho senão o da praia. Um carreirinho ladeado de acácias-ouro-velho e pinheiros bravos cheios de mansidão. Escusam de perguntar-me porque gosto eu tanto assim do oceano. Não sei responder. Sei que me sento na duna dromedária e, sem nada dizer nem ouvir palavra humanamente articulada, começo a ficar tranquila, tal um convescente de doença grave.

Claro que uma explicação é possível. Por exemplo: as ondas que beijam todas as praias, que ouvem todas as línguas, são em mim como que a presença física da humanidade que luta e sonha e sofre. É uma explicação, e deve ser verdadeira. No entanto, a poesia moderna bateu muito essa tecla. Bateu-a em demasia. Não quero ressuscitá-la. Abomino chás requentados.

A verdade é que ouço o mar e que pretendo escrever um artigo de fundo. Pretendia...

## O Poeta

Agora sei de quem foi a culpa. A culpa foi do meu amado poeta Sebastião da Gama. Comecei a escrever com o papel assente no seu livro. Subitamente (cá estou eu; subitamente...), abri o livro e li e rell

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



apresenta  
**UMA CRÓNICA**  
por semana

«NOVA IORQUE, — Vivendo permanentemente sob tensão, devido à luta pela vida, à intensidade do tráfego e à competição social, não é de admirar que o homem moderno esteja a sofrer cada vez mais de indigestões e de úlceras gástricas — declararam um professor de Medicina e os seus assistentes.

E acrescentam: «Não é difícil verificar que a nossa época, com uma vida intensa e trepidante, gera indigestões e úlceras. Hoje em dia, o homem experimenta uma sensação de insegurança, pelo facto de depender cada vez mais dos outros,

e sofre de frustração por não completar com as suas próprias mãos o produto do seu trabalho».

ESTA notícia que nos chega dos Estados Unidos corresponde inteiramente à preocupante realidade e não é mais uma «americanice» como tantas daquelas que nos habituámos a ler, «made in U. S. A.», daquelas que só acontecem lá.

A época actual caracteriza-se por uma tremenda luta pela vida, por um «salve-se quem puder» que de

(CONCLUI NA 11.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. cap. Joaquim Guilherme Travassos.

Com pouca demora, esteve nesta vila, tendo já retirado para Oeiras, onde reside, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. cap. António Gonçalves.

Em casa de seus pais, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado amigo sr. José Afonso Correia Castanheira.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado assinante em Lisboa sr. José Saraiva Rosa.

Com curta demora, esteve de visita a seus pais o sr. Francisco Caraca Cipriano, funcionário da C. G. D. C. P., em Beja.

Vindo do Rio de Janeiro, encontra-se nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. António Duarte.

Seguiu para Lisboa, de onde partirá para a cidade de Moçambique, o nosso estimado amigo sr. José Adelino Canelas.

Com curta demora, esteve em Lisboa o nosso prezado assinante e amigo sr. Mário da Palma Pescada.

Esteve alguns dias em Lisboa o sr. Armando António de Mendonça Rocha Cruz, tendo já regressado a esta vila.

Acompanhado de sua esposa, esteve em Lisboa, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João Leal Socorro.

Com pouca demora, esteve em Lisboa o sr. D. Narciso Martin Navarro, digníssimo alcaide da vizinha cidade de Alentejo e conceituado industrial.

A fim de consultar a medicina, seguiu para Madrid a sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues, acompanhada da sr.ª Rita Guerreiro Rita e do sr. dr. Raul Folque.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, com curta demora, o nosso prezado assinante sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico.

### Nascimento

Na passada quinta-feira, num dos quartos particulares da Maternidade do Hospital de Portimão, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria de Lurdes Correia Fernandes Exerito Dias Pena, esposa do nosso director, sr. João Adelino Dias Pena.

Mãe e filho encontram-se bem.

### Baptismos

Em Madrid, no passado dia 25 de Maio, na igreja de S. Francisco el Grande, realizou-se, com grande pompa e solenidade, o baptismo do menino Luiz Fernando Romero Dias, filho da sr.ª D. Elvira Dias e do nosso estimado amigo sr. D. Luiz Romero y Amor, antigo cônsul de Espanha na nossa vila. Celebrou o baptismo o rev.º padre Juan R. de Lejesima, delegado do Sumo-Pontífice da Terra Santa, em Espanha.

Parafinaram o acto o sr. D. Fernando Carlos de Navarro, antigo cônsul em Faro, e sua esposa.

Aos convidados, em número superior a 200, foi servido um lauto banquete.

No passado dia 9 do corrente, foi baptizada, na igreja matriz desta vila, a menina Maria Isabel Lopes Currito, filha do sr. Artur Salvador Afonso Currito e de sua esposa, sr.ª D. Brites Lopes.

Apadrinharam o acto a sr.ª D. Maria Edviges Severo Martins e o sr. António Vítor Severo Martins, nosso prezado assinante em Castro Marim.

### Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A  
**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

# A REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

ATRAVÉS dos órgãos normais da informação, o País tomou conhecimento da proposta de lei que foi enviada à Câmara Corporativa e se destina a reformar a Previdência Social. Em reuniões efectuadas no Ministério das Corporações e na União de Grêmios dos Lojistas de Lisboa, o sr. dr. Veiga de Macedo deu a conhecer a vastidão da importante reforma e os tópicos fundamentais dos capítulos que abrangem: maiores benefícios na acção médico-social, no alargamento do esquema de medicamentos e no internamento hospitalar, na instauração dos seguros-maternidade e nos de tuberculose, na ampliação e reorganização das Caixas de Previdência, na definição mais precisa das Associações de Socorros Mútuos, etc.

Embora se esteja ainda em presença de uma proposta de lei, que oportunamente será submetida à apreciação da Assembleia Nacional, isso não impede que se divulguem as suas linhas gerais.

Por isso o ministro das Corporações deu largas explicações sobre a matéria a legislar, historiando ao mesmo tempo os preceitos legais que estão na base dos capítulos a reformar. Partindo da lei n.º 1894, de 16 de Março de 1935, que estrutura toda a previdência social, o sr. dr. Veiga de Macedo referiu a legislação de 1910 sobre seguros sociais obrigatórios e focou o âm-

bito das Caixas Sindicais de Previdência, que englobam a totalidade de patrões e trabalhadores sujeitos a contratos colectivos de trabalho. Deu a conhecer que os serviços médico-sociais da Federação das Caixas de Previdência despendem, em 1955, mais de 84.500 contos, grande parte dos quais com a acção médico-social, afirmando procurar abranger-se a generalidade dos trabalhadores pelo princípio de realização progressiva de previdência adoptado para o abono de família e ampliação das pensões de reforma por velhice visto ser ainda bastante limitada a experiência das caixas de Previdência.

No entanto, foram pagos 12.673 contos, em 1955, de pensões de velhice.

Continuando a leitura do importante documento, o sr. dr. Veiga de Macedo ocupou-se depois com as reformas propostas, sua descentralização dos seguros de prestações imediatas e centralização dos seguros a largo prazo, etc.

Foram ainda focadas as características gerais e os efeitos das reformas propostas, a aplicação dos capitais de reserva, o internamento hospitalar, o seguro de invalidez, etc., conjunto de medidas de que o País tomou conhecimento, com o maior interesse, e que muito devem concorrer para a realização prática da doutrina corporativa.

## Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

essa alma perfeita. E pronto, esqueci o artigo de fundo. Aconteceu-me, como ele diz:

A manhã de hoje, branda, parece Nossa Senhora...

Cantem-lhe os outros verso bem rimado  
Eu cá por mim, humilde, mais não sei  
que continuar aqui ajoelhado

Pois sim, amigo. Mas basta de contemplação ou, se preferires, mesmo assim como estás, assim como estivesse toda a vida, assim de joelhos, ajuda-me a escrever um artigo de fundo. Empresta-me a tua voz clara, para falar neste pequeno microfone aos homens, meus irmãos.

### Agora sim, eis o Artigo de Fundo

O homem atrapessou a ponte levadiza; diante dos seus olhos espantados, a larga Porta do Segredo começou a abrir-se. Mas não foi um grito de vitória e de júbilo o que irrompeu do coração do homem. Foi um grito de pavor, um clamor que até ao fim dos séculos estará repercutindo. Uma consciência recta não pode já existir sem atender à coordenada de Hiroxima.

Agora sabe-se que Hiroxima foi uma brincadeira de crianças. A bomba de hidrogénio inglesa, por exemplo, anuncia-se que possui um poder de destruição quinhentas vezes superior à que arrasou a cidade-mártir do Japão. Passou-se de coventizar a hiroximar. Que pavoroso verbo faltará conjugar ainda?

E' possível que a repulsa de todo o mundo civilizado, alheio aos interesses das alfurjas onde as grandes catástrofes se premeditam, impeça a catástrofe maior. Mas não apenas o lançamento de uma bomba é de temer; as próprias experiências atómicas trazem o porão cheio de perigos. Dois mil cientistas americanos, pedindo a interdição das experiências nucleares, esclarecem o que essas experiências representam: cancro, tuberculose, desgraça, monstros, peste...

Sim. Que as experiências atómicas cessem. Que não mais nuvens carregadas de radioactividade deem a volta ao mundo,

semeando pavor e morte. Que os homens que seguram a alavanca fatal possam ouvir o clamor universal, a voz da consciência universal pedindo o minuto de bom-senso que salvará o mundo.

### «Os Nossos Filhos», uma revista digna da mulher portuguesa

Faz tempo, como dizem os brasileiros, recebi uma carta que guardo carinhosamente. Referia-se a estas pequenas gotas com palavras repassadas de ternura e de compreensão. Era da sr.ª dr.ª D. Maria Lúcia da Silva Rosa, directora de «Os Nossos Filhos», que me convidava a colaborar na sua revista. Acontece que eu era já, há muitos anos, leitora e assinante de «Os Nossos Filhos». Aproveitei a ocasião e um dia, vencendo esta funda timidez que tanto me colhe as velas, bati-lhe à porta. Não levava trabalho nenhum. Levava as mãos vastas e a alma cheia de gratidão...

### Vamos, não é verdade?

Isso foi bastante. Não pode olvidar-se mais aquele instante (que foi a manhã quase toda), sentadas à beira da mesa comprida, repleta de papéis, de revistas, de jornais... Uma senhora nova, com uns olhos que já sorriam antes do sorriso chegar aos lábios, quis saber de mim, da minha saúde, da minha vida. Dei-me, totalmente. Estranho! Há pessoas que vibem à nossa beira nos segudos, e permanecem longe sempre, perdidas no Oceano Pacífico. Possuem na alma uma escuridão que nos repele, não iluminada nunca por estrelas firmes. Outras, vêmo-las um instante, um traço rápido de ave que roça o dia, e já uma misteriosa corrente se insinua, uma intimidade de muitos anos... Assim foi. D. Maria Lúcia Rosa falou-me da sua Revista, contou-me a luta permanente, constante, ao longo destes quinze anos, para a defender. Esta bela revista, honra da imprensa portuguesa, amiga e conselheira de tantas mães, assenta unicamente nos ombros frágeis de uma Mulher. Quanta devoção, quanto amor, quanta energia, quantos dias a

## PROVINCIA

### VILA NOVA DE CAÇELA

#### O Dia da Raça

Nesta localidade, o dia da Raça foi comemorado com diversas solenidades.

De tarde, na escola primária do sexo masculino, realizou-se uma sessão solene, na qual o sr. dr. José Correia, ilustre advogado e vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, proferiu uma interessante palestra sobre Camões, seguindo-se-lhe um recital de poesias e coros pelos alunos das escolas.

Estavam presentes o professorado local e os srs. dr. José Colaço Fernandes, médico municipal, e Alexandrino Cavaco, presidente da Junta de Freguesia.

Também na Sociedade Recreativa Cacelense foi comemorado o dia de Camões (patrono da colectividade), tendo sido orador, ainda, o sr. dr. José Correia, que prendeu a assistência com o brilho da sua lição.

Fizeram parte da mesa os srs. dr. José Colaço Fernandes, Alexandrino Cavaco, Jacinto Pereira Guerreiro e José Munhoz André.

Finda a sessão, realizou-se um pequeno acto de variedades, seguido de baile, que se prolongou até de madrugada.

Aos sócios e convidados foram servidos bolos e licores.

#### Incêndio

No dia 13 do corrente, cerca das 13 horas, num restolho pertencente ao sr. José Inês Gonçalves, motorista da E.V.A. e residente em Beja, no sítio do Buraco, desta freguesia, manifestou-se incêndio, tendo arido algum trigo.

O fogo foi provocado por imprudência do menor Leonardo Leitão, o qual se encontrava trabalhando numa casa daquele proprietário.

Compareceram os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António e a Secção desta freguesia, sob o comando do sr. Luís Cardoso de Figueiredo, que, ajudados por populares, prontamente extinguíram o incêndio.

No local, compareceu, também, o

## ESCUTEIROS DE PORTUGAL

### VI Acampamento Regional do Algarve

Com a colaboração dos Grupos n.ºs 6, de Olhão, 60, desta vila e 77, de Faro, e organizado por este último, teve lugar, de 8 a 10 do corrente, naquela cidade o VI Acampamento Regional dos Escuteiros de Portugal, com o qual foi comemorado o Jubileu do Escutismo, o Centenário do seu fundador, Lord Baden Powell, e o 29.º aniversário do grupo n.º 77.

Na tarde e noite de 8 do corrente, os escuteiros reuniram-se no local que para o efeito lhes foi cedido pela Câmara Municipal de Faro, uma quinta no Alto de Santo António.

No dia 9, às 15 horas, receberam a visita do sr. Governador Civil do Distrito, a quem prestaram Guarda de Honra. Sua Ex.ª apreciou as instalações dos grupos e os trabalhos efectuados pelos escuteiros e teve, no fim da visita, palavras de louvor e apreço para o movimento escutista.

O sr. Governador Civil era acompanhado pelo sr. presidente da Câmara Municipal de Faro e outras altas individualidades civis e militares da província.

Às 22 horas realizou-se um fogo do conselho, tradicional nestas actividades, tendo os grupos apresentado recitativos e canções escutistas, anedotas, episódios cómicos, etc...

Os escuteiros desfilarão, às 11,30 horas do dia 10, nas ruas da cidade, fazendo, na tarde, algumas demonstrações de técnica e jogos de conjunto.

O grupo local deslocou a Faro todo o efectivo, estando de parabéns as suas patrulhas «Poupa» e «Lobo», pela iniciativa que tomaram de construir, em cana, mesas, bancos e lavatórios desmontáveis, de que se utilizaram no campo, objectos que despertaram bastante interesse nos visitantes.

traballar — e, também, quantas noites sem dormir, para arrancar do perigo algo que é como um filho, pois como um filho se ama!

Nós, mulheres portuguesas, temos o dever de proteger também a Revista, que vive para nós, que nos ensina, nos desbrava caminhos difíceis (admiráveis as reportagens sobre o parto sem dor, as lições de puericultura, o curso de enfermagem e de costura, etc., etc.). Temos o dever e vamos cumprilo, não é verdade?

Maria Manuela Nunes

sr. presidente da Câmara.

Os prejuizos foram insignificantes, não estando cobertos pelo seguro. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

Quando o auto-tanque da secção desta freguesia dava entrada no quartel, o chefe da mesma, sr. José Ribeiro, foi acometido de doença súbita, tendo sido, prontamente, socorrido pelo sr. dr. José Colaço Fernandes. O seu estado é satisfatório. — C.

## ODELEITE

#### Doença nos suínos

Grassa nesta povoação, com bastante intensidade, uma epidemia nos suínos, que, com poucas excepções, é fatal.

Pedem-se providências imediatas para debelar o mal, tornando-se obrigatória, também, a desinfectação das malhadas e dos locais onde os animais são enterrados, para evitar futuras contaminações.

#### Higiene pública

Pedem-nos que façamos reparos sobre o estado em que se encontra uma artéria do centro desta localidade, que está a tornar-se em depósito de imundícies. Pedem-se, a quem de direito, as providências adequadas.

#### Telefone

Pelo que nos informam de Almada d'Ouro, os habitantes interessados mostram estranheza por ter sido retirada a autorização para a montagem do telefone público naquela localidade, tendo sido levantados os depósitos para tal fim, com ordem superior. — C.

## OBRAS DE FOMENTO

Em seguimento das resoluções tomadas nas últimas reuniões do Conselho Económico, foram aumentados os investimentos previstos no Plano de Fomento em curso com a importância de 1.200.000 contos, a depender nos anos de 1957 e 1958. Esses investimentos correspondem ao início da realização da siderurgia nacional (580.000 contos), ao lançamento da indústria dos adubos nítrico-amoniaco (135.000 contos) e ao começo da construção dos novos aproveitamentos hidroeléctricos de Miranda, da Bemposta, do Alto Rabagão e do Távora, que estava prevista apenas para o 2.º Plano de Fomento, mas que a satisfação das necessidades do consumo do País aconselha a que seja antecipada de dois anos (485.000 contos). O total dos investimentos, que este conjunto de realizações exigirá nos dois anos que restam do Plano de Fomento em curso e no período de execução do próximo plano, montará a 4.240.000 contos.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Junho, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone 64.

## CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o grandioso filme e panhol TARDE DE TOIROS, com Domingo Ortega, António Benvenida, Enrique Vera, Encarnita Fuentes e Marisa Prado.

Os toureiros na vida das mulheres... As mulheres na vida dos toureiros... (Espectáculo para maiores de 12 anos).

Terça-feira, o maravilhoso filme mexicano O MENINO E A NEVOA, com Dolores del Rio, Pedro Lopez Lagar e Eduardo Noriega.

Uma história que começa na vovagem de uma mascarada e acaba num conflito inteiramente trágico. (Espectáculo para maiores de 17 anos).

Quinta-feira, em Cinemascope, A LANÇA QUEBRADA, com Spencer Tracy, Jean Peters e Richard Widmark. (Espectáculo para maiores de 12 anos).

## AGENDA

### MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António  
De 1 a 14 de Junho:

#### TRAINEIRAS

Norte	461.100\$00
Flor do Guadiana	434.785\$00
Raulito	404.295\$00
Conceicanita	269.610\$00
Levante	220.450\$00
Brisa	194.300\$00
Maria Rosa	180.900\$00
Sul	177.074\$00
Aldita	176.390\$00
Pérola do Guadiana	155.950\$00
Agadão	141.850\$00
Mogador	139.640\$00
Liberta	122.930\$00
Malaca	111.440\$00
Tozé	84.240\$00
Andaz	83.585\$00
Triunfante	79.000\$00
Lagoa Azul	78.600\$00
Rajada	70.630\$00
Lenita	59.005\$00
Deolinda Rita	55.100\$00
Ramira	53.750\$00
Novo S. José	48.800\$00
Flor do Sul	17.750\$00
Pinguim	3.555\$00
Alvarito	3.140\$00
Infante	2.800\$00
São Januário	1.970\$00
Clarinha	1.520\$00
Deus te guarde	1.414\$00
Persistente	1.085\$00
Total	3.836.658\$00

#### CERCOS

Amazona	290.123\$00
Novo Machado	17.315\$00
Total	307.438\$00

#### Atum da Costa Algarvia

267 Atuns	306.724\$90
148 Atuarras	118.241\$60
21 Albacoras	9.433\$30
6 Cachorretas	2.030\$00
34 Cachorretitas	991\$70
Total	437.421\$50

#### Atum da costa de Marrocos

De 1 a 14 de Junho

Armação Garifa (Larache) — 565 atuns	95.263 Kgs.
Armação Ponta Negra — 541 atuns	94.099 "
Armação do Cabo Espartal (Tânger) — 494 atuns	82.161 "
Armação Cenizosos (Larache) — 205 atuns	35.367 "
Armação Madrague I — 150 atuns	25.202 "

#### Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

Entrados:	
MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Tânger, com atum.	
ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.	
BELEM, Francês, de 1.101 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.	
L'ORQUE, Marroquino, de 72 ton., de Port Lyautey, com atum.	
JOLOT, Marroquino, de 119 ton., de Larache, com atum.	
TRES CEPAS, Marroquino, de 45 ton., de Larache, com atum.	
MOBY DICK, Holandês, de 786 ton., de Port Lyautey, vazio.	
ZE MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.	
JOLOT, Marroquino, de 119 ton., de Larache, com atum.	
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.	
FRAMAR, Italiano, de 499 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.	
LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, vazio.	

Saídos:	
BELEM, Francês, para Port Vendre, com conservas.	
ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério.	
L'ORQUE, Marroquino, para Port Lyautey, vazio.	
JOLOT e TRES CEPAS, Marroquinos, para Larache, vazios.	
MOBY DICK, Holandês, para Rotterdam, com minério.	
JOLOT, Marroquino, para Larache, vazio.	
ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério e precipitado de cobre.	
MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério e precipitado de cobre.	
FRAMAR, Italiano, para Génova, com conservas.	
LAUPEN, Suíço, para Génova, com conservas.	

## A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232  
LISBOA

TELEF: 25764

FOTO-ZINCO  
TRICROMIA  
FOTOGRAVURA  
ZINCO-GRAVURA  
E  
DESENHO

«Seja qual seja a idade  
o GLYCOL dá mocidade»

**GLYCOL**

O IDEAL DA PELE

Produtos VAP

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade. À venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias.

Enviamos uma amostra a quem nos remeter nome e morada e 5\$50 em selos do correio para despesas de embalagem e registo.

Remetemos encomendas à cobrança para todo o País, Ilhas e Colónias

Fabricantes e Depositários Gerais:

**VENTURA D'ALMEIDA & PENNA**

Rua do Guarda Mor, 20, 3.º, esq. (a Santos)

**LISBOA**

TELEFONE 664972

Os produtos V. A. P. estão à venda em todas as boas casas

**Pensão SÃO JORGE**

Telefone  
P. P. C.  
4 9 9 0 6

A mais moderna de Lisboa. Estilo Pousada. Confortáveis quartos e apartamentos. Esmerado serviço de restaurante. Ambiente distinto, seleccionado e cosmopolita. Primeira categoria. Tratamento único em Pensões.

Telefone  
7 3 2 5 6 6  
(Gerência)

FALA-SE ESPANHOL, FRANCÊS E INGLÊS  
LISBOA — Portugal R. Castilho, 59, 1.º

**A PORTA DO CHIADO**

**UM LIVRO, UM POETA E UM ACTOR**

ENCONTRAMOS à porta do café Chiado, ponto de reunião de académicos e artistas, o poeta e homem da rádio, Luis Moreno, que já não viamos há muito tempo e que nos recebeu com o seu abraço, sempre amigo. Falamos-lhe do seu trabalho que ilumina neste momento as montras das livrarias da cidade e que, por se dirigir às crianças, tem maior valia.

Luis Moreno excusando-se, não quis dizer-nos nada sobre a sua obra, declarando que os pais não devem falar dos filhos...

Porém, um pouco mais adiante, avistamos Jaime Santos grande valor da cena, inteligente, humano e profissional muito estimado e admirado pelo público e pelos colegas.

Quis este gentilmente dizer-nos o que pensa sobre o livro do poeta Luis Moreno com quem tem trabalhado muitas vezes na Emissora Nacional.

E, à mesa do «Chiado» tertúlia por onde têm passado um mundo intelectual, escreve para «Notícias do Algarve» as linhas que se seguem.

São elas um franco elogio que está certo por vir de quem vem e ser sobre quem é.

Estão de parabéns as crianças portuguesas—Luis Moreno deu-lhes as melhores amêndoas que podiam ter na Páscoa cheia de sol e sempre elegante.

Tem a palavra Jaime Santos.

\*\*\*

«Tem-se dito e escrito

que a infância é o paraíso dos poetas.

Com efeito, nessa idade juvenil é mais intensa a transfiguração do mundo circundante, aparecendo os objectos ou as situações mais vulgares sob a aparência de autênticos símbolos. Por esse motivo as crianças comportam-se como poetas criando um mundo imaginário à sua volta, exprimindo as suas dores ou alegrias numa forma tal que a muitos pode afigurarse disparatada.

As crianças rodeiam-se de símbolos e vivem por meio destes a vida do adulto, e, isso constitui a sua mensagem poética.

Mais tarde o poeta ou o escritor juvenil reviverá toda a infância e jogará com seu drama de homem como uma criança com os seus brinquedos.

Temos para nós que o verdadeiro escritor para crianças tem de ser essencialmente um poeta, ou, pelo menos, ter a sua sensibilidade. A alma das crianças, dos poetas e dos escritores para a juventude comportam-se de igual maneira uns, e outros criam um mundo imaginário à sua volta.

O livro, «Três Dias de Férias» de Luis Moreno transporta-nos a esse mundo diferente onde só o adulto, vazio de sensibilidade, não se apercebe do sentido transcendente dos simbolismos e das expressões infantis.

Luis Moreno que já conquistou um lugar de desta-

**EUGÉNIO ALVES D'OLIVEIRA**

**CONSTRUÇÃO CIVIL**

CASA FUNDADA  
EM 1932

Avenida Barbosa du Bocage, 117-A

Telef. 77 22 11 LISBOA

*Eugénio Alves de Oliveira  
com certeza...*

*É quem lhe faz a melhor  
Casa Portuguesa.*

**António Vasques Gonçalves**

DESPACHANTE OFICIAL

Telefone 2.31.55 Alfândega — LISBOA

que como autor de trabalhos radiofónicos—entre os quais avultam as adaptações dos romances «Quo Vadis» «Don Quixote» justamente louvados pela crítica e calorosamente aplaudidos pelo público ouvinte da Emis-

sora Nacional—surge-nos agora com o seu livro «Três Dias de Férias» não como uma promessa mas como afirmação segura de um autêntico valor no género sempre difícil da literatura infantil.



**A. SANTOS**

Vende e compra bidons de ferro de todas as capacidades novos e usados, arame, sucatas e terrenos

ARMAZÉM:

Estrada da Charneca, 69 - LISBOA

Telefones: 05 83 84 - 05 84 32

CORRESPONDÊNCIA:

Av. General Roçadas, 69 - LISBOA

Telefone: 84 39 09 — Telegramas: ANTOS

**PARA MOTORES  
A GASOLINA E A GASOIL**



NÃO GASTA OLEO, ECONOMIZA COMBUSTIVEL, DÁ MAIOR RENDIMENTO PORQUE LIBERTA TODA A FORÇA DO MOTOR, MANTENDO-O LIMPO.

Unicos Importadores: A. CONTRERAS, LTD.  
Rua Rodrigues Sampaio, 142 a 150  
Sub-Agente no Norte: Electro Central Vulcanizadora, Ltd.  
Praça D. João I, 28 — PORTO

# A CRIANÇA E A MOEDA

Conto de ANTÓNIO MACHEIRA

TALICA sentiu o coração bater forte. Uma moeda de cinco escudos encontrava-se naquela valleta, a dois passos dele. Receoso, olhou para todos os lados. A rua, deserta, ninguém à vista. Um pouco trémulo, lançou uma mão e apanhou-a. Em seguida fugiu como se tivesse cometido um roubo.

«Eis um episódio pouco vulgar mas que o leitor acha banalíssimo: uma criança pobre encontrar uma moeda de prata. Se não me engano, diversos autores já o contaram de diversas maneiras e estilos. Ora bem. Aconteceu que, por detrás de uma janela, alguém viu tudo, a moeda abandonada, o miúdo, a ganância e o temor deste, a fuga final despropositada mas lógica. Sorriu. O que faria o mocinho daquele tesouro que parecia estar ali de propósito?..»

Só parou, quatro esquinas depois, elegante e repleto de uma felicidade desconhecida. Apalpou cariciosamente a moeda morna da mão que jamais a largara. Cauteloso, retirou-a do bolso e cheirou-a como o mais suave dos perfumes. Em seguida passou-a pelo rosto e foi como se alguém o afagasse numa carícia sem fim. A moeda parecia brilhar mais.

«O leitor não-psicólogo decerto estranhou um pouco o parágrafo anterior. Compreende-lo-ia, talvez, se visse a realidade com os olhos interiores que o amor pela humanidade faz desabrochar em certos indivíduos. O observador parou de sorrir ao lembrar-se que a criança perderia a moeda na sua corrida alucinante. Mas não. Isso não podia acontecer. O miúdo encontraria um amigo ao qual contaria o milagre que lhe sucedera. Em seguida, iriam comprar berlindes, bolos e chocolates».

Talica quis então ouvir o tilintar da moeda no chão. Deixou-a cair uma, duas vezes. O som cristalino ficou a ecoar no seu cérebro sensível. Mas assustou-se ao notar que um moço o observava, olhos cobiçosos a saltarem das órbitas. Mais uma vez fugiu, o tesouro ciosamente guardado na mão, o coração arfando. A pastelaria fê-lo parar. Com os lábios cerrados, acercou-se da montra.

«Claro. Iriam comer os doces para o jardim, nin-

guém os veria lá. E aproveitariam o resto da tarde para experimentar os berlindes. Errado. Tudo errado. Só se fosse muito inocente é que contaria a um amigo o achado que tivera. E a única testemunha ocular pôs-se séria, uma ruga de preocupação a encher-lhe a testa».

A tentação crescia, crescia, e assustou-o de tal forma que virou a cara. Aparentou a moeda até os dedos protestarem. Sentiu o cheiro daquelas maravilhas atravessarem o vidro lúcido e cercarem-se numa teia invisível que o entonteceu por completo. Entrou no estabelecimento. Mas o empregado enxotou-o qual mosca importuna. Talica não replicou nem mostrou a moeda. Na rua sentiu uma sensação invadir-lhe o corpo, uma espécie de alívio que o fez soltar um grito de alegria, que nenhum transeunte compreendeu.

«Nada fácil, caro leitor, descreveu-se a psicologia de uma criança pobre. Campo difícil e espinhoso como poucos. Feliz do observador que pensa e não escreve as suas deduções: primeiro trocaria a moeda numa mercearia em duas mais pequenas. Esconderia uma num sítio qualquer ou gastá-la-ia logo. A outra daria à mãe dizendo-lhe que a achara. A ruga desapareceu por completo. A testemunha sorriu, despreocupada».

Talica vivia um sonho e sofria. O seu estômago reclamava comida mas o seu cérebro exigia a moeda inteira. Lembrou-se, a certa altura, da família, dos irmãos, e dos amigos — especialmente do Toino. Novamente sentiu-se desorientado no meio da multidão egoísta, cada um com problemas a solucionar.

«Final, o que é que o miúdo faz à moeda? — perguntará o leitor apressado. Neste momento, juro-lhe, a testemunha acaba de fazer a mesma pergunta a si própria. Um mundo de hipóteses ocorre-lhe, o que a desespera. Todos nós também temos inúmeras hipóteses. O leitor, os leitores e eu. Talvez algum de nós acerte com a realidade. O que é pouco provável, diga-se de passagem».

António Macheira

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.



Destaque a sua personalidade...

Em confecções para:

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

**Alfaiataria MARTINS**

R. Dr. Sousa Martins, 52-A-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 86

Teleg. António Ruivinho

**António dos Anjos Ruivinho**

Comissões, Consignações e Conta Própria

ALCAPARRAS para a indústria de conservas

ESPONJAS NATURAIS

para uso litográficos e lavagem de automóveis

Vila Real de Santo António

**Moagem de Cacela, L.<sup>da</sup>**

FARINHAS EM RAMA

Trigo, Milho e Centeio

TELEFONE 5

VILA NOVA DE CACELA

**MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO**

MADEIRAS - FERRAGENS - DROGAS - TINTAS

ESTALEIRO DE CONSTRUÇÃO NAVAL

TELEFONE 147

Agente das acreditadas tintas DUCO-DULUX

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Pastelaria CONFIANÇA**

BOLOS REGIONAIS

BOLOS DE NOIVA

BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

GASAMENTOS

ANIVERSÁRIOS

BANQUETES

Avenida da República, 48

Vila Real de Santo António

**Viúva Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES — REPRESENTAÇÕES

SUB-AGENTES de NAVEGAÇÃO

Telefones { Escritório, 69 e 263  
Residência, 192

Endereço Telegráfico  
ODEVZA

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

**COLABORADORES**

Importante Companhia de Seguros procura para seu Agente nesta localidade, pessoa activa e bem relacionada. Resposta indicando possibilidades para

Apartado número 607 — LISBOA

**SENHORES ARMADORES!**

Os vossos barcos precisam de ser reparados ou limpos?

NÃO HESITEM

Entreguem-nos aos cuidados de

**ANTÓNIO PENA**

Estaleiros de Construção Naval, equipados com

Plano Inclinado e Serração Mecânica

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

**ESTILOGRÁFICA**

PRAÇA DA BATALHA, 23 — RUA SANTA CATARINA, 293

PORTO

VENDA E REPARAÇÃO DE CANETAS A MELHOR OFICINA DA PENÍNSULA

Ravendadora com todos os descontos das marcas MONTBLANC e PELIKAN

CONSULTE V. EX.ª A NOSSA CASA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

GRANDE SORTIDO DE CANETAS TIPO ECONÓMICO



**Nesta garrafa encontrará!**

NESTA GARRAFA ENCONTRARÁ:  
ÁGUA PURA PELO PROCESSO PASTEUR,  
AÇUCAR CRISTAL HORNUNG  
E UM CONCENTRADO DE FRUTO

TUDO ISTO QUE É BOM E SALUTAR, EM CONJUNTO COM UMA EQUILIBRADA ACIDEZ CÍTRICA E UMA BEM APLICADA GASEIFICAÇÃO, DEU UM MAGNÍFICO E SABOROSO REFRESCO, QUE PODE PEDIR EM QUALQUER PARTE, POIS É UM PRODUTO DA

**Fábrica SIMON**

Vila Real de Santo António

FUNDADA EM 1913

**Empresa de Transportes do Rio Guadiana, L.<sup>da</sup>**

TELEFONE 152



Serviços rápidos para todos os pontos do rio, reboques e transportes de passageiros, automóveis, autocarros entre VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-AIAMONTE e VIGE-VERSA

AVENIDA DA REPÚBLICA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# SENSACIONAL REPORTAGEM

TELEVISIONADA NO ANO 2.000 DA

## INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL

(CONCLUSÃO DA 7.ª PAGINA)

potentes rotativas atómicas, que diariamente lançam no mercado nacional e internacional, em várias línguas — se bem que o português seja uma das línguas mais usadas no mundo, devido à excelência das publicações que nela se fazem — as mais diversas edições de jornais, revistas, folhetos, livros, músicas, etc.

Uma bateria de cinquenta máquinas de compor, todas movidas pela energia atómica, estão constantemente em actividade, dia e noite.

Dois pequenos edifícios laterais, anexos à Biblioteca Nacional, servem de instalação aos pavilhões da Literatura e do Jornalismo, apetrechados com os mais modernos inventos para a recepção do noticiário universal.

As estantes, contendo milhões de volumes, estão arrumadas ao longo de enormíssimos corredores, que somam alguns milhares de quilómetros. Cada um desses corredores dispõe de três homens equipados com veículos motorizados, nos quais, rapidamente, se deslocam ao local onde está arrumado o livro cujo pedido receberam através dos seus receptores individuais portáteis. Retiram o volume pedido e vêm colocá-lo num engenhoso dispositivo teleguiado, que o transporta, imediatamente, à mesa individual do leitor. Sim! Agora, cada leitor dispõe da sua mesa, onde tem tudo quanto possa ser necessário para colher os apontamentos de que necessita, incluindo luz própria, fornecida por um candeeiro que poderá ser posto na posição que melhor luz forneça. A luz actual, também obtida pela energia atómica, é muito diferente da que usavam os nossos antepassados de 1957. É uma luz clara, neutra, que ilumina como a luz natural, sem estragar a vista. Na era actual, ninguém usa óculos.

Os leitores podem, ainda,

utilizar um magnífico jardim, destinado a fazerem as suas leituras ao ar livre. As mesas e cadeiras que utilizam foram estudadas anatómicamente e podem ser colocadas nas mais variadas posições, no sentido de proporcionar aos seus utilizadores toda a possível comodidade.

Os velhos ficheiros desapareceram. Um cérebro electrónico recebe o pedido transmitido pelo leitor e, instantaneamente, o comunica, através da rádio, ao empregado do sector respectivo.

Cada um pode sair ou entrar livremente na biblioteca, a qualquer hora do dia ou da noite. O material especial de que foi feito o pavimento e revestidas as paredes absorve todo o ruído. Dois leitores, um em cada mesa, afastados metro e meio um do outro, não se ouvirão mutuamente e, se pretenderem trocar impressões entre si, necessitarão de se sentar lado a lado para o poderem fazer.

A educação actual dos indivíduos banhiu completamente o roubo, que, aliás, a sua situação económica desafogada não justificaria. No entanto, ele jamais seria praticável na Biblioteca Nacional que estamos descrevendo para os nossos tele-espectadores, num breve apontamento de reportagem. Certamente quem assiste defronte dos seus receptores à passagem das imagens e está atento à nossa locução, deve estar maravilhado com o magnífico documentário que lhe temos proporcionado. Dispositivos foto-eléctricos impedem que o leitor se apodere de qualquer volume. Seria imediatamente imobilizado por meio de raios ultra-sensíveis até que o funcionário respectivo viesse buscá-lo para o exibir, de seguida, perante todas as pessoas que se encontrassem no edifício da Biblioteca Nacional e seus departamentos anexos. Certamente que o ladrão ficaria com pouca vontade de repetir a proeza, dado o

vexame por que passaria.

As enormes estantes estão munidas de um dispositivo especial de desinfecção e conservação dos livros, o que permite manuseá-los sem perigo de transmissão de doenças contagiosas, que, aliás, quase desapareceram devido aos extraordinários recursos da ciência actual.

A exemplo do que acontece em cada um dos pavilhões deste Centro de Cultura, existe também na Biblioteca Nacional uma vasta sala, com lugar para 5.000 ouvintes, destinada a conferências sobre literatura e jornalismo, na qual foram particularmente estudadas, pelos mais competentes técnicos, as condições de acústica e de visibilidade. Muitas dessas conferências são acompanhadas de projecções. Deste modo, nesta sala, como nas dos outros pavilhões, está instalada moderníssima aparelhagem cinerâmica para a projecção de imagens em relevo, num «ecran» monumental, e bem assim para a transmissão do som em alta fidelidade e no momento exacto em que é produzido.

Os estimados telo-espectadores vão agora assistir à iluminação exterior do edifício e de todos os pavilhões que o circundam. Este magnífico espectáculo deve-se ao extraordinário avanço da ciência luminotécnica e aos recursos atómicos — agora exclusivamente ao serviço do progresso e da paz — de que se dispõe no momento presente, em que a Humanidade atingiu um dos mais elevados graus de civilização e desenvolvimento.

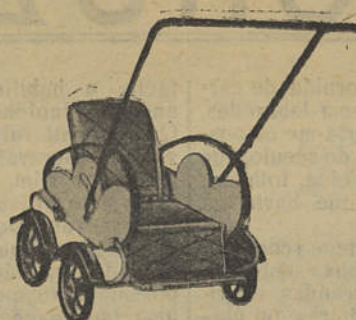
Seguidamente, vamos transmitir através da nossa estação o momento solene da inauguração.

Atenção!...

S. M.

### QUIOSQUE

Aluga-se em boas condições, na Avenida da República.  
Tratar com o próprio.



### CADEIRAS e GARRINHOS para BÉBÉ MÓVEIS

Móveis completas e avulso  
Fazendas, Calçado, Camisaria e Utilidades  
**MAQUINAS SINGER**  
**BICICLETAS A PEDAL**  
Motorizadas Zumdapp e JLO-Mavic  
**TUDO COM FACILIDADES DE PAGAMENTO**

**Reinaldo dos Santos Madeira**  
APARTADO 1 TELEFONE 16  
**CASTRO MARIM**



## MEL



Centrifugado claro, compramos qualquer quantidade.

Respostas indicando preço e quantidades

### A Colmeia do Minho, Lda.

Calçada Marquês de Abrantes, 130 — LISBOA

### PREFIRA SEMPRE: LICOR 53 CASSAIA

à base de frutos, leite e gemas de ovos

(aguardente tipo Espanhol)  
Saborosa e digestiva

ESPECIALIDADES DA

**FABRICA ALELUIA**  
de **SANTOS & RIBEIRO**  
Telefone 3 — Vila Real de Santo António



### CALCE A FAMÍLIA COM NILÔ

PARA  
HOMEM, SENHORA  
E CRIANÇA

AGENTE EXCLUSIVO

**Casa TRINDADE COELHO**

Vila Real de Santo António

TELEFONE 8

### VENDE-SE

**UMA GELEIRA  
TIPO FRIGORÍFICO**

INFORMA:  
**JANELAS VERDES**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Mostre o seu bom gosto!

Prefira os artigos das

Confecções **VIRESA**

Exija-os ao seu fornecedor habitual



Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com **QUEIMAX**, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

### Francisco Elves do Carmo Pessanha

Sub-Agente da Companhia  
Portuguesa dos Petróleos

— **BP** —

Seguros em todos os Ramos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

— Avenida da República, n.º 66 —

### CASA DIAS

TELEFONE 8

**CASTRO MARIM**

Comércio geral, com vendas a prestações

Bicicletas de todas as marcas  
MOTORIZADAS «SACHS»  
SCOOTERS «DIANA»  
e MOTOS «B. M. W.»

Tipografia

## SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Quando algo de importante  
Está pendente da estima e consideração,  
Um Impresso perfeito garante  
A confirmação de um bom negócio

DESDE 1891 AO SERVIÇO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA

## VARANDIM

Por A. Vicente Campinas

## TRÁNSITO

Foi mesmo à frente dos meus olhos. Vi, como se um filme natural se estivesse desenrolando diante de um único espectador! Os gritos do rapazinho subiram bastante, adentro do medo — não adentro da dor. Que, ao fim e ao cabo, a cena não passou da perspectiva de tragédia.

Mas eu conto. Em poucas palavras, que mais não vale o que se passou. Felizmente. Se a proporção do desastre tivesse tomado alturas, naturalmente que haveria necessidade de se esmiuçar como tinha sido, como poderia ter sido evitado, e tal e coisa... Enfim, tudo se passou em bem — que é, afinal, o que importa.

Dois ciclistas marchavam, com rumos diferentes. Mas para uma determinada linha invisível que o acaso preparara no caminho de ambos... Um homem e uma criança. Ambos pedalavam com vigor, como se escutassem a voz da Primavera a cantar dentro de si. De repente... A cena foi tão rápida que o descrever-la perde em velocidade quase todo o tempo que se leva fazê-lo!

As duas bicicletas parcialmente inutilizadas. Os dois corpos cada um caído para o seu lado. Choro do infante. Maldições do adulto. Recriminação do homem sobre o futuro homem...

Eu vi como aquilo foi. E, por esse facto, posso julgar com toda a imparcialidade. Nenhum deles foi culpado do desastre. Desastre que poderia ter levado qualquer deles para o hospital... ou para mais longa caminhada... As ruas, largas, direitas, sem nada que indique «caminho livre» ou «caminho impedido» nos respectivos cantos, são como que permanentes rasteiras para quem siga em qualquer veículo sem todas as antenas do «radar» ligadas à cuidadosa atenção... Elas, sim, é que têm de arcar com a responsabilidade desta pequena amostra de drama...

## AINDA OS PENISCOS

Naturalmente que os meus poucos leitores devem estar lembrados. Prometi que voltaria a conversar sobre os peniscos. Cá estou, portanto, dando cumprimento à minha promessa. Não que eu seja a pessoa mais indicada para falar de uma coisa que tão mal conheço. Mas a verdade é que isto se proporcionou assim...

Pois eu também quis encomendar uma almofada de peniscos.

- Pode ser?
- Pode.
- O que é preciso? Dinheiro?
- Não. Trapos.
- Trapos? Que trapos?
- Todos. Todos servem para isso...
- E que mais?
- Um carrinho de linhas.
- Só isso?
- Só isso.
- E quanto tempo levará a ter a almofada pronta?
- At uns quinze dias.
- Afinal, ainda leva mais tempo do que eu pensava!
- Pois olhe que não demora muito. Era capaz de fazer isso mais depressa?
- Não gracje. Bem sabe que não sou capaz de fazer isso nem durante um ano, quanto mais...
- Pois a minha tia trabalha depressa nisso. Mas são tantíssimas tirinhas a pregar...
- Lá nisso tem muita razão. Mas diga-me lá: que mais será preciso para que ela faça a almofada?

— Mais nada, já lhe disse. — E depois de uma curta pausa: — Claro, no fim, sempre terá de dar uns escudos à ceguinha...

— Era isso mesmo que eu queria que me dissesse. Quanto, mais ou menos?

— Isso fica sempre à vontade de cada um.

(Tenho a impressão de que ainda vou deixar a explicação, mas a verdadeira explicação, do que são peniscos para outra oportunidade. Não lhes parece que esta nota já cresceu demais, por hoje?)

## MOMENTO POÉTICO

Gosto de ti, Poesia  
— noiva dos sofredores,  
amante dos contentes,  
esperança dos que sonham,  
sol dos que sentem frio,  
riso dos namorados,  
regação acolhedora!  
Gosto de ti, Poesia,  
— como um primeiro amor  
que é, pra sempre, a alegria,  
receio, esperança e dor...

Mas... seja como for,  
gosto de ti, Poesia!

## Prof. JOSÉ J. GONÇALVES

Foi nomeado adjunto do delegado escolar do concelho de Tavira o nosso prezado amigo e dedicado colaborador sr. prof. José Joaquim Gonçalves, a quem apresentamos as nossas felicitações.

## ENCRUZILHADA TURISTAS

## DE TODO O ANO

UM tanto alta, fornida de carnes, o rosto em labaredas, Eduarda sugeria-me os postais deste princípio do século, que eu, na minha menice, folheara num velho álbum que havia na casa de meus avós.

Ainda hoje acontece recordar-me dessas figurinhas esbeltas, debruçadas em varandas engrinaldadas de trepadeiras, ou passeando, como tranquilos namorados, mãos enlaçadas, entre os renques de árvores, trocando, certamente, palavras túrgidas de ternura e sentimento.

E Eduarda surgia-me assim como uma transposição para a vida real desses postais ilustrados, muito românticos, um tanto deslocados e piegas, que constituam o sortilégio dos adolescentes dessa bela época. Claro, essa impressão colhida num momento, essa Eduarda princípio do século, desvaneceu-se, para dar lugar a uma rapariga diferente, com as particularidades comuns a centenas de raparigas. Quando, pela primeira vez, a vi naquela tarde de sol, numa praia do norte, entre matronas respeitáveis e os corpiños nus e adoráveis das crianças, só por um excesso de imaginação eu relacionei Eduarda à fantasmagoria sentimental das criaturinhas românticas que viviam momentos de ternura no velho álbum de meus avós. E quando ela me estendeu a sua mão, uma mão suada, redonda e gorda, fixei os seus olhos alegres, dum brilho zombeteiro e superior, mas onde não descobri o mais pálido fulgor de espiritualidade e inteligência.

Minha mulher, com essa arte de fingimento e atroz perfídia de que só as mulheres que amam são capazes, teve ocasião de dizer-me: E a Eduarda, uma colega dos velhos tempos do colégio, a filha do Costa, o fabricante de «bijuterias». Oh! o talento burocrata da minha mulher! Numa curta frase, ela traçou toda a ficha biográfica da amiga. E, então, levantei os olhos torturados da luz, mergulhei-os na distância, na água alvoroçada do mar. O sol caía a prumo, furioso, duma incandescência luminosa e irrisada a água do mar em cintilações brilhantes e metálicas. Só mais tarde, como cansado da viagem, os olhos volveram para o acanhado quadro da barraca. E só então descobri um outro vulto, um soberbo rapaz de vinte e poucos anos, um rosto calmo, duns olhos frios, uma cabeça redonda de camponês, com os cabelos louros, muito pisados, horríveis, dando a ideia de que tinham sido mastigados.

Vim a saber, pelas informações prestadas com solicitude por todos os convivas, que era o noivo de Eduarda, o sr. engenheiro Paulo Villar, um homem de robusto talento, cheio de esplêndidas ideias, provavelmente, um futuro grande homem, um dos mais poderosos estelios da Nação.

Humildemente, quase a medo, a não negar o sangue negro de escavas, estendi, a mão que aquele futuro grande homem apertou dum modo superior e um tanto displicentemente. Poucas palavras trocámos. Lembrou-me de termos proferido meia dúzia de insípidas frases sobre uma insípida questão. Ele não gostava da praia, aquela vida de pasmaceira, os corpos a rojarem-se pela areia, provocavam-lhe cansaço, um tédio insuportável, quase náuseas. E aquela Francelos, então, era detestável, uma aldeia sertaneja, com uma estrada insuportável, sempre cheia de poeira, uma praia inconcebível no nosso século, sem diversões, uma praia estúpida, sem casino nem cinemas, sem o colorido das mulheres. Imagine, Francelos é o degredo! Sim, uma praia sem belas mulheres — pensava eu — porque descobrira nele, como noutros da sua estirpe, que nunca se conformaria com uma única mulher, que ele procuraria um complemento para a monotonia doméstica. Então ia-me dizendo que, se um dia fosse obrigado pelos laços fortes da família, pelas conveniências dos pimpolhos, que certamente viriam, escolheria uma praia de movimento, muito civilizada, cosmopolita, onde os corpos se revigorassem, mas onde o espírito encontrasse propício clima. Foi com aparente alegria, com um falso estremecimento de prazer que gritei que também eu não apreciava a praia, que achava a vida da praia uma grande estopada. Coincidiam as nossas opiniões. Mas evitei lançar-me numa discussão entre o espírito e a matéria, uma questão que sempre achei incómoda, embora ande muito em voga. E os meus olhos, como vagabundos inquietos, mergulharam novamente na distância, no mar que se perdia no horizonte longínquo. As senhoras, ao lado, infatigáveis, possuídas de sonolência, falavam, falavam. Eu mal as ouvia. Elisa, minha mulher, nessa tarde desenvolveu o seu talento de anfitriã. Admirei a sua loquacidade, o seu

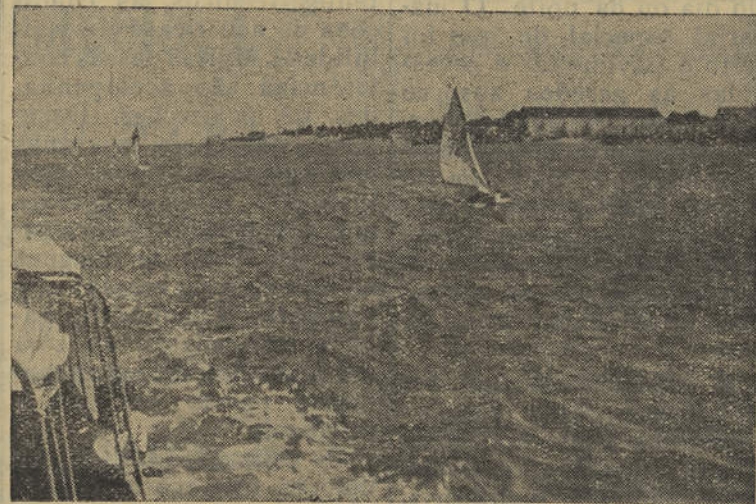
tacto, a habilidade em contar anedotas inofensivas do colégio. Quase senti raiva de ela levar a vida de escravatura do lar, senti raiva por mim, raiva pela vida, raiva pelo ordenado pelintra que auferia, raiva por minha mulher, que se abandonava tanto à rotina da vida, quando sabia que ela possuía um temperamento ardente, uma imaginação viva, rica, e que possivelmente, bem aproveitada, daria uma romancista de garra,

zir-lhe nos olhos, ia excitando-a, lisongeando as vaidadezinhas da companheira. «Lembras-te, Elisa, da nossa vida de colégio, as nossas partidas do colégio? Ah! como sonhávamos nesse tempo! — O sorriso pérfido de minha mulher volta-me tristeza. E certo — continuou Eduarda — é certo que tu sempre foste uma mulherzinha muito sisuda, muito senhora do teu nariz, um tanto esquisita, uma verdadeira avó no meio dum ban-

## UM CONTO DE N. RODRIGUES PENA

do de pássaros doidos». Ouço com desinteresse a arenga das mulheres. Percebo que nas palavras que minha mulher profere há muito de azedume e até de desprezo. Compreendo que procuram insultar-se. Eduarda é uma burguesinha ainda não marcada pelos desenganos, enquanto no rosto de minha mulher se vinculam as primeiras rugas que testemunham o abandono duma vida que naturalmente lhe era agradável.

(CONCLUI NA 7.ª PAGINA)



= VELAS NO RIO GUADIANA =  
UM ESPECTÁCULO QUE FOMOS PRIVADOS COM A EXTINÇÃO DO CENTRO DE VELA LOCAL DA MOCIDADE PORTUGUESA — UMA INJUSTIÇA QUE NÃO DESESPERAMOS DE VER REMEDIADA, PARA BEM DO DESPORTO E BENEFÍCIO DA MOCIDADE DA NOSSA TERRA

## FAMINTOS DE AMOR

Por ALSÁCIA FONTES MACHADO

«QUANTO mais conheço os homens, mais gosto do meu cão», — palavras de amargo cepticismo, ditadas pelo raciocínio de um homem invulgar, causticado pela ingratidão e pelo egoísmo humano.

Não obstante, podemos estar certos de que, de tudo, o que mais falta faz ao homem é o Amor. Ele pode não merecê-lo, porque sabe receber, mas ainda não aprendeu a dar, pode clamar que lhe falta o pão que sacia a boca e a água que mitiga a sede, pode reclamar um tecto para se abrigar das intempéries e roupas para cobrir a nudez, pode implorar a Paz no meio das ameaças da guer-

ra, — mas, em última análise, o que ele suplica, o que ele mendiga, sem dúvida, é Amor. Mesmo que ele morda a mão que o salva, ou entregue ao carrasco o filósofo que o ensina ou o pensador que o defende, ele demonstra, num clamor atroz, que lhe falta Amor.

Olvidos, indiferenças, despeitos, rivalidades, invejas, egoísmos, ódios e guerras, de gigantescas e fatais consequências para toda a Humanidade e para o próprio globo terráqueo, cifram-se todos na sua grandiosidade imensa, nesta frase pequenina e apagada: — falta de Amor.

Diz-se que o mundo atravessa uma crise económica terrível, avassaladora, que a todos envolve em tentáculos de morte. Essa crise, porém, é o corpo vivo e palpável da força oculta que a produz e lhe fomenta a existência: — falta de Amor.

A hora que a humanidade vive é uma hora decisiva para a História e para o triunfo da Civilização. Estamos no limiar duma nova Era, em que todos os valores humanos vão ser revisitados e coordenados para o desempenho cabal dos seus assombrosos deveres positivos. Equivoca-se quem tomar a aparência por realidade concreta. Raramente uma dor de cabeça não passa de um sintoma, de uma manifestação secundária de alguma alteração patológica distante. Não é a cabeça que dói ao que está enfermo, — é o corpo todo. E uma crise moral e não material que sufoca o mundo, embora a todos pareça o contrário.

O homem precisa mais de Amor que de dinheiro. Quando o homem tiver encontrado o Amor, isto é, quando ele tiver aprendido a preferir dar, em vez de receber, todos os problemas materiais estão resolvidos automaticamente e tudo virá por si mesmo, — tão fatal e consequente como o é a detonação duma arma que se dispara e a trajectória do projectil.

Os homens são autênticos famintos de Amor, que mendigam pão, quando deviam conquistar carinho, e por isso eles se digladiam e parecem querer devorar-

## FORMAS DE PAGAMENTO

Numa loja da Baixa entram avó e neta; a primeira não conta, mas a neta, meninos, é de escacha, destas de pôr a mioleira tonta a um santo num altar. Apressa-se o patrão, como costuma quando as freguesas são de trás da orelha: — O que hão de Vossências desejar? Querem fitas de seda; escolhem uma e a pequena pergunta quanto custa. Aproveitando a distração da velha, diz o dono da loja, em voz sumida: — Um beijo cada metro! Não se assusta a rapariga e volve, decidida: — O quê! Um beijo só? Barata feira! Corte lá dez metros; quem paga é a minha avó!

CARDOSO MARTHA

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

bico da pena, dizia-me, como que num suspiro, onde sintei, num hábito efêmero, sonhos, visões e poesia:

«Vocês, aí, são uns felizardos, são uns autênticos turistas de todo o ano, no mais encantador recanto de areia, mar, sol e céu azul».

Os «Turistas de todo o ano» somos nós, leitores amigos, nós, os que temos a felicidade de viver nesta província que a Natureza prodigalizou com a sua arte.

Em todos os recantos do Algarve, desde Sagres a Vila Real de Santo António, há poesia e sonho.

No litoral, o mar manso é de um azul que, lá longe, se confunde com o céu, num amplo abraço, como se um mundo se ligasse a outro mundo irreal; depois, vem perder a cor na areia dourada, onde se espraia.

Ao longe, apenas um pouco mais longe, no entanto a cor cambia de tonalidade para dar lugar ao verde-escuro da folhagem, pintalagado do branco do casario, que se esfuma no castanho dos troncos.

Mais para o interior, a paisagem muda; do marulhar do mar, somente um vago ruído lembra, em noites de luar, cores de sereias ou de mouras encantadas; até perder de vista, as amendoeiras em flor pousam nos olhos como neve perfumada.

No folclore da região, os pés dos aldeões batem ao compasso de um coração alegre e palrador, os corpos movem-se alegremente e o «corridinho» passa de uma dança para ser uma expressão de alegria e agradecimento daqueles que são os turistas de todo o ano.

Passam no Inverno os ribeiros cantando junto das hortas e pomares. Nas estradas poeirentas, o toc-toc, ladino e alegre, dos burricos põe poesia e alegria de viver na sua paisagem. Uma paisagem bucólica, cheia de requebros verdejantes, de fontes douradas, com a água pura e fresca a correr livremente; depois, mais para o mar, junto de rochedos altos e sombrios, todo um passado se recorda, ao ver o mar em fúria a despedaçar-se em grinaldas de espuma nos impávidos rochedos de Sagres.

O vento sibila, o mar verde-escuro embate e torna a embater contra a pedra dura, em arrancos de força; nuvens escuras tornam o espectáculo majestoso; o vento sibila, querendo falar, recordar um passado glorioso, e, lá no alto dos rochedos, onde a força bruta do mar não chega, onde o sibilar do vento é mais forte, parece aos nossos olhos ver uma capa preta a rodopiar no céu plúmbeo, um braço esguio tapa parte dum rosto enérgico, que parece perscrutar o mar ameaçador.

E' Ele, o Infante de Sagres, negro, de olhar de água, que parece que, com um só gesto, afasta aquela mar e lhe desfaça as arremetidas contra a rocha nua.

Tudo desaparece. Já na estrada, por entre o verde luxuriante, o camponês canta, alegre, ao doce cair de uma tarde sangrenta, que lá no horizonte parece morrer.

Desde a cosmopolita Praia da Rocha, com os seus rendilhados rochedos, até à mansa e elegante Praia de Monte Gordo, onde a areia dourada parece ter miríades de ouro, tudo é um rosário de pérolas turísticas, que o algarvio aprecia e venera.

E, ao olhar para todas as belezas que a Natureza pôs para recreio dos nossos olhos, eu creio, como o meu amigo, que nós, algarvios, somos Turistas de todo o ano.

A. de Mendonça

## Visado pela Comissão de Censura

## V. Ex.ª DESEJA VESTIR BEM?

Prefira as suas compras e confecções na

**Alfaiataria Gomes**

DE

**José Gomes Madeira**

Rua Teófilo Braga, 93  
Serve-se do TELEFONE N.º 42

Vila Real de Santo António

# "O RAPAZIO"

PELO DR. VICTOR DE SÁ

OS redactores dos jornais, encarregados do «dia a dia» da cidade, insurgem-se de vez em quando contra o «rapazio» que pratica distúrbios na via pública ou se acumula em certos lugares onde dá uma nota discordante, comprometendo o atributo de civilizada por que a dita cidade quer passar. E recomendam o assunto à Polícia.

Sem dúvida, estas observações da Imprensa têm a melhor intenção bairrista e visam uma finalidade em prol do turismo, absolutamente aplaudível. E realmente vergonhoso que os visitantes, muitas vezes estrangeiros, deparem frequentemente com espectáculos desagradáveis acompanhados de frases e ditos menos dignos que os rapazes vadios das ruas, fugidos de casa onde falta a educação e, por certo, o pão também, dão publicamente, sem se preocuparem com a gente que passa — e menos com o cuidado de não deixarem má impressão aos turistas.

Criados na rua, sem receberem, mesmo, frequentemente, um legado de dignidade que cada pai tem o dever de confiar a seus filhos, muitas vezes não chegando a frequentar a escola por necessidade do seu magro contributo de trabalho para o sustento da família — não nos devem admirar os espectáculos do «rapazio» na rua, mesmo os mais degradantes.

São uma característica da sua baixa condição social e fruto de grande esquecimento em que os portugueses abandonaram a criança, não se preocupando muito — e às vezes nem pouco — com a sua educação.

Procurar remediar o mal que nos esquecemos de fazer evitar, chamando a atenção da Polícia, empregando a força, é que me repugna — e julgo que repugnará a todos que tiverem um cérebro para pensar e um coração para sentir.

Por mais baixa que seja a condição social de um indivíduo, não podemos esquecer, de forma alguma, que dentro de si há um psíquico que reage no sentido do bem e do mal, conforme as sensações que recebe do exterior. Ora um rapaz, ainda em formação, que se vê miserável, à margem de tanta gente «chic» (sem que saiba a que atribuir a diferença), um rapaz a quem não ensinaram as regras dum bom cidadão nem se esforçaram por conduzi-lo através do caminho da dignidade, naturalmente sentirá uma revolta íntima, quando, ao ser perseguido ou caceteado por um agente da Ordem, tiver de abandonar a rua, o seu habitat, ou ser expulso do lugar onde a «gente limpa» se re-

creia e goza, o que o leva logicamente a considerar-se já não diferente, inferior, mas também um ser abjecto da sociedade, que causa repulsa aos outros homens, aos «homens de bem»...

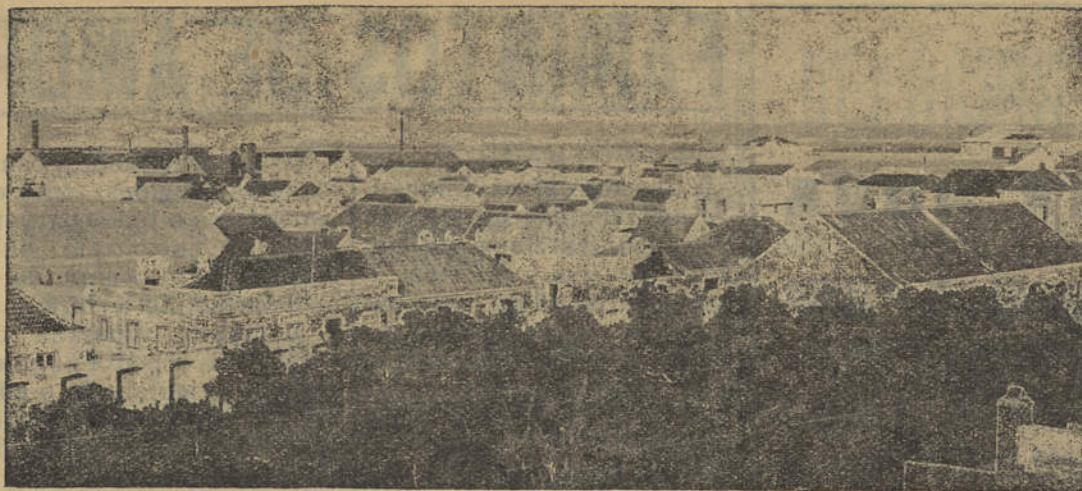
Nada mais humilhante para um homem, quanto mais para uma criança!...

E o germe assim tão violentamente lançado no íntimo dos rapazes, dos «garotos», aí começa a desenvolver-se, dando como fruto ou a timidez — que desvaloriza a personalidade e impede de vencer na vida — ou a revolta, que mais tarde perturbará ameaçadamente (o que bem se compreende e justifica) a ordem social — tornando retroactiva a acção empreendida hoje pelos agentes da Ordem, para dar à cidade ares de civilizada!...

Que degradante é a nossa civilização, assim compreendida!

Que terrível a condição da criança portuguesa, especialmente a que tem um lar desaconchegado, uns pais incultos, e que recebe como única educação as advertências da Polícia, aliás paradoxalmente necessária, por a sua miséria a desviar da Escola — quando a tem ao seu alcance — onde poderia respirar uma atmosfera mais carinhosa!

Victor de Sá



VISTA PARCIAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## A VILA POMBALINA

ESTA vila algarvia tem vida, alma vibrante e é bem portuguesa.

Reconstruída após o terramoto de 1755, ficou com a disposição da Baixa da nossa Lisboa: todas as artérias a convergirem para um largo, obra do grande estadista que foi o Marquês de Pombal.

Quando, há anos, visitei, pela primeira vez, Vila Real de Santo António, achei-a bastante interessante pela maneira agradável como está disposta.

Banhada pelo rio Guadiana, apresenta-se, geralmente, com cara alegre e prazenteira.

Do outro lado do rio, já é Espanha.

Talvez essa vizinhança lhe dê também a sua percentagem daquela vibração espanhola, cheia de entusiasmo. Terra de marítimos e de peixe, tem a labuta re-

lativa à pesca, tendo um papel predominante a do atum.

Várias figuras em evidência por ali tem havido, ele-

por  
**NATÉRCIA ALGARVE**

mentos de valor na política ou noutros sectores.

No entanto, focarei, especialmente, a poetisa Lutegarda Guimarães de Caires. De fina sensibilidade, escreveu versos que perdurarão através de todos os tempos.

Alguns deles, decerto, foram inspirados ali, nessa terra alegre, como de resto o são todas as terras algarvias à beira-mar.

Pronta a receber os turistas que por aí passam com frequência, tanto em visita à terra risonha, como a caminho de Espanha, que lhe fica fronteiriça.

Vila Real de Santo An.

tónio vive aquela azáfama, intensa e trabalhadora, da gente marítima que numa luta diária vai buscar ao mar, belo e perigoso, essa fonte de riqueza que ele avaramente guarda no seu reago: a sardinha.

E toda a vida comercial e industrial dessa terra gira à volta da fartura de peixe.

Sendo abundante, há a benéfica esperança de uma boa temporada!

Jogam a vida, dia a dia, pelo pão para si e para os seus.

As fábricas de conserva de peixe em azeite e as estivas de peixe salgado existem em quantidade, e consola ver o retrato do homem das barbas nas latas reluzentes, esse benemérito e activo industrial, Francisco Rodrigues Tenório.

Gente do mar, de pele tostada pelo sol e pelo iodo da água salgada, mas cujo coração é branco, leal, pronto sempre a dar a sua vida pela do seu semelhante.

E' assim a sua maneira de ser, como igualmente o são todos os pescadores algarvios, seguindo a tradição deste povo, trabalhador e ordeiro, que descende de um herói que nasceu nesta província e cujo nome nunca será esquecido: — Patrão Joaquim Lopes!

Natércia Algarve

## SENSACIONAL REPORTAGEM

TELEVISIONADA NO ANO 2.000 DA

### INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL

— CARÍSSIMOS tele-espectadores. Estamos a transmitir pelo novo sistema de supertelevisão, em relevo e colorido, a sensacional reportagem da inauguração, em Lisboa, da Biblioteca Nacional, acontecimento de extraordinário relevo na vida portuguesa, onde o ambiente de elevado grau de cultura não tem paralelo noutras épocas brilhantes da História de Portugal. A cultura é agora o grande atractivo das multidões, como o foi o futebol no longínquo ano de 1957.

A Biblioteca Nacional encontra-se instalada num magnífico edifício de vinte andares, no antigo Parque Eduardo VII, que agora se chama Centro da Cultura, porque outros majestosos edifícios circundam aquele que hoje se inaugura: os pavilhões da Música, das Artes Plásticas, do Cinema, do Teatro, da Rádio e Televisão e do Centro de Informações Culturais, abrangendo uma área total de mais de 800.000 metros quadrados, em semi-círculo, ao centro do qual se ergue um grandioso monumento, de arrojada concepção, dedicado à cultura da Humanidade — símbolo do progresso e da paz.

Todos os dias este exemplar Centro de Cultura proporciona, às centenas de milhares de nacionais e estrangeiros que o visitam, os mais variados espectáculos e as mais deslumbrantes exposições que jamais se viram.

O nosso Centro de Cultura é famoso no mundo inteiro e de toda a parte chegam visitantes cheios

de curiosidade. Aqui têm lugar as principais reuniões culturais, artísticas e musicais internacionais, nos quais tomam parte tanto os que dão agora os seus primeiros e vacilantes passos nesses domínios como as maiores sumidades universais.

A nossa tele-objectiva está precisamente neste momento a colher uma panorâmica desta Meca da cultura.

Agora têm os prezados tele-espectadores na sua frente o imponente edifício da Biblioteca Nacional, que ocupa uma superfície de 100.000 metros quadrados e os seus 20 andares à superfície e cinco abaixo do solo.

Nestes últimos estão instaladas, além de toda a maquinaria tipográfica, as

(CONCLUSÃO NA 5.ª PAGINA)

## ENCRUZILHADA

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

Enfim — pensei — duas burguesinhas empenhadas em se digladiarem, duas franganotas que se procuram arranhar, mas que tentam esconder as patinhas.

Mas, das duas, era Eduarda a que subia mais alto, a que buscava arrastar as asas por caminhos mias soltos e ambiciosos. E, enquanto uma procurava erguer o seu estilo de vida, a outra parecia inclinada a amarfanhar essa mesma vida. O que era apologia nos lábios duma tornava-se negação no íntimo da outra. A luta era surda, mesquinha. E na frente das duas, chegadas por caminhos

idênticos, encontrava-se a encruzilhada.

O sorriso de Elisa não era apenas perfídia, azedume, despeito, significava algo mais, era o abandono, o rompimento com o passado, o desprezo pelo passado. Mas a irritação que não podia ocultar deixava transparecer as raízes que ainda a ligavam a esse mundo perdido. Não sei se alguém notou o meu interesse por aquele duelo de palavras, onde os sentimentos nem sempre eram claros e inteligíveis. Eu tinha fortes razões para me preocupar com semelhante discussão. Dias, meses, anos, empenhara-me em modificar o temperamento de minha mulher. Nas discussões violentas, que por vezes irrompiam no acanhado mundo conjugal, ficávamos amuados por alguns dias. Nunca levei a melhor nessas batalhas inglórias de palavras e argumentos. Elisa não cedia uma polegada no seu terreno. No meu íntimo, considerava-a estúpida ao vê-la apegada a um chão de mentiras e preconceitos. Ela, por sua vez, queixava-se das minhas atitudes ditatoriais. Desistira. Rendera-me à derrota. Agora, reparava, com espanto, que o mundo de minha mulher se desmoronava. Calma, sem esbracejar, sem gestos teatrais, despedia-se inteiramente dessa vida. E Eduarda, fátua, apenas murmurava, com tristeza: Mas tu, Elisa, tu estás completamente mudada! Não era um sorriso triste que minha mulher oferecia, mas toda ela transbordava confiança, alegria.

O que eu não pudera fazer, o que eu, por inépcia ou por inabilidade, não realizara, através de discursos eloquentes e dos argumentos mais convincentes, a vida encarregara-se de a convencer. Num ímpeto, quis abraçar a minha mulher. Todos se tinham erguido, e a despedida foi convencional, fria. Ficámos, por momentos, a olhar as costas largas de Eduarda, os seus cabelos loiros a caírem-lhe pelos harmoniosos ombros. Garotos chapinhavam na água; o sol, numa luz branda e

## A Voragem

(INÉDITO)

Morte! irmã do Amor e da Verdade!

A. do Quental

Dentro de mim lateja, há muitos anos,  
Um fantasma cruel e enganador,  
Sombra perversa de indistinta cor,  
Nimbada de sorrisos e de enganos.

Com a ferocidade dos tiranos,  
Parece a imagem viva do terror,  
E foge de receio e de pavor  
Mal minha vista lhe conhece os planos...

Antero de Quental chamou-lhe irmã,  
Talvez por ver na cor dos seus cabelos  
A estrela redentora da manhã.

Tudo ilusões, caprichos, pesadelos...  
A vida por mais rútila e louça  
E' marginada de fatais anelos!

MARCOS ALGARVE

## CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE  
DON JUAN CONQUISTADOR  
E... CONQUISTADO

As primeiras proezas, no mundo do amor feminino, cabem a Don Juan. Bem sucedido, cria fama. Criando fama, deita-se a dormir — e agora não precisa de conquistar, porque o conquistado é ele. A aura dos seus atrevidos criou à sua volta um clima de simpatia entre as mulheres, que passam a disputar a honra de o conquistarem.

Era Byron quem dizia, autobiografando-se, nesse memorando: «Depois da guerra de Tróia, ninguém tem sido mais raptado do que eu.»

Mesmo aplicando a esta confissão o devido desconto, ainda fica o bantante para dizermos que a tese inicial é verdadeira.

### AUTOFAGIA

Por mais carniceiro que seja o animal, respeitará sempre o seu próprio corpo. Se apresentarmos a um lobo a pata de qualquer bicho, ele lhe chamará um figo... A sua própria pata é que ele, mesmo em apuros de fome, não deita o dente.

Nós, homens, muito inferiores ao lobo, devoramos-nos a nós mesmos. Não nos respeitamos. Adquirimos vícios tais e tantos que, mercê deles, constantemente estamos a praticar a autofagia.

Perguntemos, enfaticamente: quando é que começaremos, enfim, a ter mais respeito por nós próprios? Quando deixaremos de ser lobos de nós mesmos?

### CRONÓFAGOS

Os cronófagos possuem uma licenciatura nas malas-artistes de comer o tempo ao seu semelhante. Estamos em nossa casa trabalhando? Eit-los que se fazem anunciar, para nos comunicarem factos importantes. Mentra. Procuram apenas um pretexto para fugir ao tédio pessoal e para nos roubar o nosso precioso tempo. Pretexamos que estamos fora de casa? A nada os brutinhos se movem, porque existe o correio, e remetemos longas cartas e, se temos telefone, matam-nos o bicho do ouvido falando-nos deste mundo e do outro.

Como proceder com esta casta de importunos? Mandá-los ver se chove — ainda que sobre a nossa casa e lugares adjacentes caia um sol canicular...

Cartas deles, há que atirá-las sumariamente para o cesto dos papéis. Para telefonemas seus, estaremos sempre ausentes em parte incerta...

Quem quiser deixar rasto construído no mundo não pode perder o seu tempo com ociosos. A vida é breve, a arte é longa, e duas vezes morre quem avaramente não aproveita o seu tempo.

### LEITURA

Há uma leitura em extensão e uma leitura em profundidade. A primeira arranha as ideias; só a segunda lhes chega à medula, à «substância moelle», como diria Rabelais. Toda a leitura deve ser feita com o propósito de espezilhar a nossa capacidade de pensar por conta própria. Lettura em vertigem, periferica, que não lêe ao autodebruço, à ensimesmação, é leitura quase inútil. A leitura vale, com efeito, na medida em que conduz à reflexão pessoal. O que não for isso é paisagem...

### IMPROVISOS FÁCEIS

Conta-se que Whistler zombava daqueles que o censuravam por ele ter pintado um quadro numa hora. E dizia — e dizia bem: Se o pinto numa hora, é porque o pintei durante... toda a vida.

A inspiração fluente, dando a impressão de que uma obra é de geração espontânea, sem implicar esforço, tem atrás de si, geralmente, uma longa transpiração. Um fácil improviso, por mais paradoxal que possa parecer, tem sempre a precedência o aturado trabalho, o estudo, a reflexão em profundidade. E é fatal que assim seja — porque do nada nada se tira.

fugidia, mergulhava no mar. A voz da minha mulher elevava-se sobre o barulho das ondas e dos gritos das crianças: Espero, Manuel, que a bela Eduarda não te tenha impressionado! Vocês, os homens, apesar do racionalismo de que se reclamam, nem sempre actuaem de acordo com as ideias. Olhei-a e, num vislumbre, descobri-lhe à superfície dos lábios, o sorriso irónico e compreensivo que dá ao seu rosto um invulgar encanto.

Rodrigues Pena

**CAFÉ RESTAURANTE**  
**JANELAS VERDES**  
A casa das boas tapas  
DE  
Luís Félix da Silva  
CERVEJAS A COPO  
E MARISCOS  
TELEFONE 206  
RUA DE AVEIRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VAI CASAR UMA SUA AMIGA?  
NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?

VISITE A

## MERCEARIA NOVA

DE  
**JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO**

onde encontrará os mais bonitos brindes em

### VIDROS E LOUÇAS

das melhores qualidades, não pagando luxo.

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## OURIVESARIA MIRANDA JUNIOR

Jóias - Ouro - Prata - Relógios

No seu próprio interesse consulte esta casa

Rua S. João de Brito, 69

Vila Real de Santo António

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## José de Brito

Materiais para as  
Indústrias de Pesca  
— e Conservas —

Agente de Navegação  
REPRESENTAÇÕES

TELEFONE 215  
TELEG. SOCIAL

Vila Real de Santo António

## António Gomes Gonçalves

Rua 5 de Outubro-CASTRO MARIM

Telefone: 2

Sucursal: Avenida da República, 72

Telefone: 89

Vila Real de Santo António  
VINHOS DA REGIÃO

## ABÍLIO DA SILVA BRAGA, Sucrs. Lda.

PAPÉIS E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO  
ABÊ

ARMAZÉM DE PAPELARIA

Praça de Carlos Alberto, 27

Telefone: 26325 PORTO Teleg.: PAPÉLABÊ

## ÁGUAS MINERO-MEDICINAIS DO VIMEIRO

Hipossalinas Cloro-Bicarbonatadas Mistas  
De grande eficácia no tratamento das doenças  
do Fígado, Rins, Bexiga e aparelho digestivo

Termas em Macelra — Torres Vedras,  
com bom hotel, piscina e balneário

Vendem-se em todo o País, natural em garrafas  
e gasificada em garrafas

Pedidos em Vila Real de Santo António

CLEMENTE & FILHOS, L.DA

TELEFONE 52

## FAMINTOS DE AMOR

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

-se uns aos outros. Enquanto eu saborear o meu pão regaladamente, sem me lembrar de que todos têm o mesmo direito de fazer outro tanto, o meu semelhante há-de estender-me a mão com desconfiança e sorrir-me com hipocrisia. E de nada me servirá queixar-me dele, antes devo queixar-me de mim própria.

### MINISTÉRIO DA ECONOMIA Direcção-Geral dos Combustíveis EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Societá Acc. Angelo Parodi Fu Bmeo requereu licença para instalar um depósito subterrâneo para «fuel-oil», com cerca de 8.000 litros de capacidade, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito na s/ fábrica de conservas de peixe, na Avenida da República, n.º 130 — Vila Real de Santo António, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 31 de Maio de 1957.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,  
António Alfredo Sanches de  
Castro da Costa Macedo



Precisa de reparar o seu Rádio?

Não hesite... Confie-o a

### SÉRGIO PERES

Diplomado com o curso de  
Rádio Mayo de Madrid  
Rapidez e Economia

R. Cons. Frederico Ramires, 31  
Vila Real de Santo António

Telet.: 33 Teleg.: VIUCAPA  
APARTADO 5

Vitua de José Joaquim Capa & Filhos

Casa de Câmbios e Agentes  
Bancários e de Seguros

Deposítários da Companhia Portu-  
guesa de Tabacos e de Fósforos  
Depósito das Conservas CAPA

Cimentos, adubos quími-  
cos, solas e cabedais

Armazenistas de  
Mercearias e Azeite

Estabelecimento de  
Mercearias e Fazendas  
por atacado e a retalho

Vila Real de Santo António

Todas as filosofias, como todas as religiões, todos os pensadores e todos os mentores se encontram num mesmo ponto comum de fé ou de princípio: a Harmonia é a grande soberana da Existência, a pedra angular em que assenta todo o edifício da realidade universal. E o único equivalente da Harmonia é o Amor.

Se no Universo não houvesse Harmonia, era impossível a existência dos sistemas solares e planetários, como impossível a existência dos corpos vivos, — unidade e coesão admirável das células autónomas. O que é a coesão, o mecanismo harmónico e espantoso do macrocosmo?

Incógnita alucinante para o homem, que apenas pode verificar a aparência das coisas. E a aparência que ele verifica, indubitavelmente, humildemente, é a Harmonia. E assim como a Harmonia do Cosmos nos dá o Universo em que vivemos e de que somos partículas, e a Harmonia dos sons nos dá a Música, assim a Harmonia dos Homens nos dará o Amor.

O Amor é a única chave do maior segredo do mundo, que todos procuram alcançar, mas poucos desejam merecer: a Felicidade. Resume-se na fórmula positiva e dinâmica que ainda ninguém quis tomar a si: — Faze aos outros o que queres que te façam a ti.

Quando os homens tiverem adoptado essa fórmula como regra de vida, o Amor dirigirá o mundo e a humanidade terá conquistado a felicidade. Até lá, porém, continuaremos todos famintos de Amor, na aridez do egoísmo, a deambular perdidos, desamparados e solitários, num deserto sem oásis, sem pão e sem água.

Alsácia Fontes Machado

## Agência Peninsular

— DE —  
VIAGENS E TURISMO

TELEFONE 216  
Rua Conselheiro Bivar, 68 — FARO

Passagens Aéreas e Marítimas  
para todos os Países da

Europa, África, Américas  
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas  
as Companhias

Obtenção de passaportes  
e vistos Consulares

Informações gratuitas



PORTO  
RAINHA  
SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO  
& C.

Vila Nova de Gaia

## PROPRIEDADE EM QUELFES VENDE-SE

A parte sul (cerca de metade) da propriedade rústica, denominada «Palmeira», que consta de terra de semear, diverso arvoredo e casa de lavoura, situada em Quelfes, com portão de acesso no largo principal da aldeia (frente à igreja, no concelho de Olhão).

Dirigir propostas a Clara S. Afonso Romero, Rua Nova do Almada, N.º 59, 4.º — LISBOA — Telefone 27.225.

## Estabelecimentos

### IMPÉRIO

DE  
**DIAMANTINO M. BALTAZAR**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Fazendas, Calçado, Mercearias, Tabacos, Cerveja e A'guas Minerais } Telefone 165

Mercearia, Tabacos, Louças e Vidros } Telefone 45  
Café Restaurante Comercial } Telefone 125  
Pastelaria Império } Telefone 186  
Instalações de Gasóleo e Óleos (Cais) } Telefone 120

## MERCEARIA E MARISQUEIRA DO GUADIANA

— DE —

Manuel Gomes Marcos

CASA DE PASTO

Mercearia e Vinhos

Rua da Princeza, 7

TELEFONE 148

Vila Real de Santo António

## Ourivesaria ALIANÇA

Grande Fábrica de Artigos de  
Ouro, Pratas Cizeladas, Jóias,  
Filigranas, Bronzes de Arte, etc.

A MAIOR DA PENÍNSULA  
Condecorada pelo Governo com  
a Ordem de S. Tiago da Eapada,  
de Mérito Artístico em 1945

GELESTINO DA MOTA MESQUITA  
191 a 199, Rua das Flores, 201 a 211  
PORTO (Portugal)

Telef.: 22541 Teleg.: JÓIAS

A QUE MAIS BARATO VENDE

A QUE MAIS CARO COMPRA

OURO — PRATAS — JÓIAS — RELÓGIOS

FILIAL EM LISBOA:

Rua Garrett (Chiado), 56

TELEFONE 23419

## SANCHES & BARROSO, L. DA

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Proprietários e Exploradores do CINE-FOZ

Sub-Agentes depositários de Fibrocimento

«NOVINCO» e Tubos Plásticos «UNISOTRA»

Agentes depositários da Refinaria de Azeites SOFAL  
Correspondentes do BANCO LISBOA & AÇORES

AGENTES DE:

NAVIOS DE CARGA, BARCOS DE PESCA E ARMAÇÕES DE ATUM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

C.  
L.  
C.  
LISBOA

Lúcio Guerreiro Lopes  
CASA DE MÓVEIS  
CARPINTARIA E MARCENARIA

Estrada Nacional-VILA NOVA DE CACELA



Secção orientada por DAVID LOPES

O PROBLEMA DO CINEMA NACIONAL (2)

Comentado e discutido por David Lopes, Candelas Nunes e José Espinho

(Continuação do número 206)

D. L. — Chegámos pois a um impasse. A situação está de tal modo crítica e estafada que necessita de rápida solução, se não quisermos ver o cinema nacional afogado de todo. Se por um lado a produção descontinua e irregular é uma razão de peso na crise actual do nosso cinema, temos que levar também em linha de conta que os nossos técnicos e artistas (realizadores) não têm sido suficientemente honestos, pois se têm subordinado em demasia aos interesses financeiros. A parte raras excepções que confirmam a regra, nenhum dos nossos artistas deu um cunho pessoal às suas obras.

C. N. — Falaste em artistas realizadores. Mas será que os temos?

D. L. — Sim, temos alguns de relativo mérito. Ultimamente, é de considerar a honesta tentativa de fazer cinema, pela parte de Manuel Guimarães, especialmente em «Saltimbancos», filme que, como sabes, lançou um raio de esperança entre aqueles que acreditam que em Portugal se pode fazer ainda cinema.

J. E. — Esperança não confirmada. Em «Nazaré» já esse mesmo realizador nos dá um pseudo neo-realismo de manifesto mau gosto. Limitações do tema?... Falta de talento?... Não sei.

C. N. — E «Vidas sem Rumo», um autêntico fracasso. Mas, contando a intenção, Manuel Guimarães bem poderá considerar-se «fora da série», um caso aparte no cinema português, uma das tais excepções de que o David falou.

J. E. — Eu tenho ouvido falar por aí num tal fundo do Cinema Nacional... O que é que ele deu?

D. L. — O fundo foi mais uma utopia. Bem patentes foram os seus resultados em «O Noivo das Caldas» e «Perdeu-se um marido». Apesar do fundo insiste-se uma vez mais nos temas banais, revisteiros, a puxar à piada fácil, género Parque Mayer. Ora isto não é caminho de modo algum. Não é ainda, o tão apregoadado ressurgimento do cinema nacional. Admito que a solução mais plausível e, certamente de muitos melhores frutos, além da entrega da economia da produção ao Estado, a criação, por este mesmo Estado, de um Centro Experimental de Cinema, em que se poderia dar aos nossos teóricos, e à juventude portuguesa que quer fazer cinema e vê nele a arte basilar do mundo de amanhã, as condições necessárias à satisfação dos seus anseios.

C. N. — Evidentemente. Tomemos como exemplo o Institut des Hauts Etudes Cinematographiques (I. D. H. E. C.), na França, o Centro Sperimentale de Cinematografia de Roma e o Centro de Experiências Cinematográficas, de Madrid. Qualquer destas escolas de cinema está criando para o seu país uma elite de técnicos e artistas que elevam bem alto, pelo menos a uma altura muito superior à

nossa, o cinema do seu país. Foi delas que saíram fortes personalidades do cinema como Lattuada e De Sica na Itália, e Bardem e Berlanga na Espanha.

J. E. — De igual modo, nós, também latinos, com mentalidade semelhante e semelhante percepção dos problemas, poderíamos conseguir de mesmas causas, os mesmos efeitos. Haverá dúvidas quanto a isto?

D. L. — Por outro lado, para criar um cinema eminentemente nacional teríamos que lhe dar uma nova linguagem e voltá-lo para problemas mais terra-a-terra, problemas que o nosso povo sinta por serem dele. Não foi este o caminho tomado pelos mexicanos, com Emilio Fernandez depois da vinda de Eisenstein ao México?

C. N. — Bastava que o cinema acompanhasse a par e passo o desenvolvimento da nossa literatura. Temos hoje, nas letras portuguesas, uma galeria de escritores adultos da humilde e simultaneamente forte poesia do nosso povo, da terra e do mar — duma terra a saber a erva e um mar sabendo a sal — o grande fulcro das suas obras genuinamente portuguesas. Escri-

**José Rodrigues Lima Centeno**  
DESPACHANTE OFICIAL  
Telefone n.º 167      Telegramas KELLERSHIP  
AVENIDA DA REPÚBLICA, 71  
Vila Real de Santo António

**Fábricas de Cerâmica, Gessos, Cal**  
ALMANCIL  
TELEFONE 3  
Informam-se os Ex.ºs Clientes que estas fábricas estão a fabricar produtos de grande reputação no mercado, que tanto têm merecido a preferência do público. Estão na disposição de servirem directamente em camioneta completa e pequenas quantidades, por preços acessíveis em referência à sua alta qualidade, como produtos cerâmicos, tijolos furados, burros isoladores, telha marselha tipo campo, manilhas de barro à máquina, que suportam gaande pressão, e tacos de madeira para soalhos : : : : de 1.ª e 2.ª qualidades. : : : :  
Secção de Gesso e estafe é da melhor qualidade que se fabrica; é preferido dos maiores consumidores.  
Cal especial para escalota e para construções  
Esperam a atenção do público para os seus pedidos

tores como Ferreira de Castro, Alves Redol, Fernando Namora e outros. E se não há dúvida de que o cinema tem possibilidade de levar mais adiante as mensagens dos grandes homens, por que não aproveitar essa possibilidade nestes exemplos felizmente vivos?  
J. E. — Eu espero com toda a confiança que, embora tardiamente, a obra valiosa desses escritores há-de ser conduzida para o cinema.  
**David Lopes**

**ANTÓNIO JOÃO HORTA**  
Estabelecimento de  
**MERCEARIAS  
LOUÇAS  
VIDROS**  
Mercado 1.º de Maio, 38  
Vila Real de Santo António

**RELÓGIOS - RELÓGIOS**  
Hoje, amanhã e sempre  
**BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL**  
SÓ NA ANTIGA CASA  
**RAMOS & MATEUS**  
R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

**QUANDO TIVER  
NECESSIDADE DE ADQUIRIR**

Grupos de rega Lister ou Wisconsin  
• Motores marítimos ou industriais •  
Extintores de incêndio • Velas K.L.G.  
• Camions Scania-Vabis, com ou sem  
báscula • Tubagens galvanizadas • Tu-  
bagens de plástico • Chupadores de  
borracha • Correias de transmissão  
em coiro e borracha • Correias tra-  
pezoidais • Correias para automóveis  
e camions • Pneus Michelin • Aces-  
sórios para motores marítimos e indus-  
triais • Óleos, massas e valvulinas  
Castrol • Macacos hidráulicos • Apa-  
relhos de rádio comunicação • Papéis  
para sondas Hughes e Atlas • Aces-  
sórios para sondas Hughes e Atlas

POR FAVOR, CONSULTE SEMPRE  
**AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL**  
Avenida da República, 65 — Telefone 76  
**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

**UNIÃO PREDIAL E COMERCIAL**  
Director: J. NEVES BALEIRAS  
ANTIGO FUNCIONÁRIO SUPERIOR DO ULTRAMAR  
(APOSENTADO)  
A melhor organização no género  
TODAS AS TRANSAÇÕES SOBRE PROPRIEDADES  
Praça dos Restauradores, 53-5.º, D. — LISBOA  
(ELEVAÇÃO)  
TELEFONES 82902 E 868962  
COMPRA, VENDE, HIPOTECA E ADMINISTRA  
PROPRIEDADES, COBRANÇAS DE RENDAS E TRESPASSES  
C/C Banco Português do Atlântico  
Agentes correspondentes em todo o País, Brasil e Ultramar

**JOSÉ GASPAR CARREIRA, LDA.**  
CASA FUNDADA EM 1896  
ARMAZÉM DE  
Papéis Nacionais e Estrangeiros  
Papelo, Fio de Vela, Sisal e Algodão  
ARTIGOS ESCOLARES  
FÁBRICA DE  
SOBRESCRITOS e SACOS DE PAPEL  
End. Teleg.: PARCARREIRA  
SEDE: Praça da Figueira, 10, 1.º      Telefones { 27656  
35292

**BOLINDER'S**  
« Diesel » — 4 tempos  
Motores industriais e marítimos  
Grupos electrogêneos e auxiliares de bordo  
Moto-Bombas • Compressores portáteis  
UNIDADES EM «STOCK» PARA ENTREGA IMEDIATA  
REPRESENTANTES  
**Agência Marítima Transatlântica, L.ª**  
«SECÇÃO TÉCNICA»  
RUA DE S. PAULO, 9-1.º = TEL. 29330 = LISBOA

**UTILIZE NOS SEUS TRABALHOS  
AS  
PRODUTOS DA  
FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES  
"EXCELSIOR"  
DE  
J. A. HONRADO & CALLADO, L.ª  
TRAVESSA DO GIESTAL, N.º 4 — LISBOA  
DEPOSITÁRIO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
MANUEL DA SILVA DOMINGUES**

# VEM, PEDRITO, vamos sonhar para a praia

**A** COMODADOS nas sugestivas embalagens multicores e engenhosas, de todos os feitios e para todos os paladares, policromos e tentadores, enchendo até ao cimo os numerosos frascos bem alinhados nas prateleiras, mesmo ali à mão, sob os olhares gulosos e as línguas lambendo os lábios num antegoço de doce delícia, os drops exerciam uma mágica e irresistível tentação, eram mesmo um forte motivo de martírio e de amargura: tão bellos mas tão caros! Um tostão não chegava nem sequer para um. Que pena! Pedrito só tinha um tostão; era tão arrelhiador. E com um tostão a garotada de hoje nem quase pode comprar uma *língua de gato*!

Noutros tempos, no tempo ainda bem recente na mente dos pais dos meninos de hoje, os «beijinhos», as «línguas de gato», as castanhas piladas, os rebuçados de coco e os caramelos — que também serviam para a tosse, era quase todo o seu «mundo» de guloseimas, mas um «mundo», afortunadamente, acessível à sua magra bolsa, a bolsa que estava condicionada à

Por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

benevolência complacente e magnânima dos adultos. Havia ainda o «pirolito», os «paladares» e as garrafinhas de licor. Hoje tudo isso parece estar morto e ter existido há séculos, perdendo-se nos confins da lusitanidade. A variedade de drops é infinita e quanto a bugigangas com bombons, «chupas-chupas» e chocolates há tanta diversidade que nela se perdem completamente os desejos da criança; mas todo esse vasto sortido, que a concorrência sagazmente lança no mercado, está muito longe de satisfazer a natural alegria que as crianças sentem pelas guloseimas, e para recordar com saudade aquele outro dos nossos tempos de menino, bem mais modesto na realidade, mas, talvez por essa mesma razão, ao alcance de todas as bolsas, enquanto que estes luxuosos de agora, envoltos nas custosas «pratas» de fantasia e nos vistosos papéis de celofane, estão muito longe do poder de compra de qualquer Pedrito pelintra.

Triste evolução dos tempos, em que cada coisa mais

longe vai estando de nós e nos quais nem mesmo as crianças podem disfrutar de uma enternecedora felicidade, tão ingénua e simples, como aquela que as guloseimas baratas lhes proporcionavam!

Quando será que tudo possa estar ao nosso alcance?

Quando será que as doçarias e as lojas de brinquedos necessitarão de polícia à porta, sem ser nas vésperas do Natal, para manter, com afabilidade e boas maneiras, a ordem entre a pequenada barulhenta e irrequieta hávida de ser atendida, de adquirir aquilo que maior significado tem para ela no mundo?

Quando deixará o Pedrito de ser um garoto enfezado, mal vestido, com o cabelo a cair-lhe sobre as orelhas e com os sapatos sem solas? Quando voltará aos seus olhos negros, vivos e brilhantes aquela agradável sensação de felicidade, aquela alegria espontânea que sempre habita na alma diamantina e cândida, sedutoramente ingénua das crianças, ainda mesmo quando a agrura da vida a recalca no íntimo do seu íntimo ser?

Vem comigo, Pedrito! Vamos dormir na areia quente da praia, vamos aquecer-nos aos raios gratuitos e meigos do sol! Sonharemos ambos num porvir distante, todo feito de paz e de amor, onde os homens serão bons e todos nós possamos comer aqueles belos drops de tão variadas cores.

## AS FRUTAS

e as irritações intestinais

**P**ELA sua alta importância para os pais, tutores ou encarregados de educação e duma maneira geral para todos, vamos transcrever do boletim «Estudos», propriedade do Laboratório Sanitas, um proveitoso e útil artigo onde se focam certos cuidados a ter com as frutas.

Como todo o ano se consomem frutas, é pois da maior utilidade a divulgação por todo o País de tais ensinamentos, conscientes de que prestamos um grande serviço a quantos têm a seu cargo crianças ou adolescentes, e que, por falta de conhecimento ou de estudo, nem sempre aplicam as boas regras que reproduzimos.

«Entramos no período do ano em que há maior consumo de frutas. E' também o período em que há maior percentagem de inflamações intestinais, principalmente nas crianças; nos enterocolíticos adultos também se dão frequentemente essas irritações, que são devidas a várias causas:

Uma é a voracidade de certas crianças para as frutas, alimentação muito agradável, o que as leva a fazerem uma mastigação insuficiente, obrigando o estômago e os intestinos a um esforço de digestão, que provoca gastrites (algumas vezes vômitos) e enterites. Outra causa é a da ingestão de frutas insuficientemente amadurecidas, verdes ou com partes insuficientemente maduras, o que é irritante.

Outra causa é a de se comerem os frutos sem serem lavados. Há grande vantagem, sob o ponto de vista da ingestão de vitaminas, em comer os frutos bem maduros com casca, o que tem também, para algumas pessoas com intestinos doentes, o inconveniente dessas cascas serem de difícil digestão. Devemos, no entanto, considerar que as frutas, nas árvores, são um receptáculo de poeiras normalmente infectadas, das terras estrumadas ou das estradas que passam perto; quando vão para os vendedores, passam por muitas mãos, normalmente pouco asseadas. Isto explica a quantidade de enterites por infecções, mesmo em pessoas cujos intestinos resistentes conseguem completar a digestão das cascas.

Quais são os cuidados que se devem ter com a alimentação pelas frutas, sobretudo com as crianças?

Em primeiro lugar, ensiná-las a comer por pequenas porções, que não devem seguir para o estômago sem serem muito bem mastigadas. E' claro que devemos ter o cuidado prévio de verificar as frutas e evitar de comer frutos não amadurecidos; estes podem utilizar-se cozidos ou em compota.

Deve-se sempre procurar lavar as frutas, antes de virem para a mesa ou, à mesa, em taças.

Com este cuidado consegue-se reduzir o número de infecções intestinais, com as diarreias, por vezes sanguíneas.

Tais são os ensinamentos cuja divulgação pretendíamos, e que todos os leitores deverão observar, a bem da sua saúde, ou das pessoas que têm a seu cargo. Não entramos na parte terapêutica do assunto, por isso não nos dizer respeito. Apenas é nossa intenção espalhar pelo público bons conhecimentos de natureza profiláctica, pois outro não é o programa da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

## FÁBRICAS TRIUNFO

S. A. R. L.

PRODUTOS ALIMENTARES

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DO CENTRO DO PAÍS

COM FÁBRICAS DE:

MOAGEM, MASSAS ALIMENTÍCIAS, BOLACHAS, BISCOITOS, REBUÇADOS, CARAMELOS E DESCASQUE DE ARROZ

SEDE E FÁBRICAS EM COIMBRA

DEPÓSITOS:

Rua do Comércio, 3 LISBOA R. Infante D. Henrique, 50 PORTO

### ALFAIATE

JOSÉ MADEIRA

Diplomado pela Academia de Corte Maguidal

Participa que abriu a sua Alfaiataria na rua da Princeza, próximo do Hotel Guadiana, onde espera receber a visita dos seus estimados clientes.

Vila Real de Santo António

### BARCO DE RECREIO

7 metros de comprimento, com cabina, motor de 10 H.P. Marítimo, marca NIAGARA

Vende: - Eduardo Arcanjo FARO — Telef. 217

## Fábrica Luso-Holandesa de Redes, Lda.

Estrada da Circunvalação MATOSINHOS — Portugal

Esmerado fabrico de todos os tipos de rede de pesca.

A MAIS MODERNA E MELHOR APETRECHADA FÁBRICA NO GÉNERO

Sede em LISBOA — Rua do Alecrim, 17

## VIEIRA, AZEVEDO & COMPANHIA

ARMAZÉM DE PAPELARIA E OBJECTOS DE ESCRITÓRIO

Rua da Picaria, n.º 56 a 58

Telefone 25222

PORTO

A ZULEJOS LOUÇAS DECORATIVAS, SANITÁRIAS e DOMÉSTICAS

FÁBRICAS ALELUIA ALELUIA & ALELUIA

AVEIRO (PORTUGAL)

FÁBRICA ALELUIA (Fundada em 1905)

FÁBRICA GERAR (Fundada em 1924)

Telefone: PBX 22-Telegramas: FÁBRICAS ALELUIA

ESCRITÓRIOS:

RUA e CANAL DA FONTE NOVA

MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS GRÁFICAS

POLONIO BASTO & C.º

Sede: PORTO

Repres. em LISBOA

Trav. São-Carlos, 41 — Telef. 24478

Av. Elias Garcia, 112

Rua Santa Teresa, 2 — 28724

Telef. 74126

DESDE 1923, SEMPRE A BEM SERVIR AS ARTES DE IMPRIMIR

Toda a espécie de máquinas para Tipografia Litografia-Offset-Rotogravura-Fotolito-Encadernação-Cartonagem-Pautação, etc.

Rotativas para Jornais, de FRANKENTHAL Rotativas offset ROLAND

REPRESENTANTES DOS MAIS FAMOSOS CONSTRUTORES

## EMPRESA REVENDEDORA DO SUL, L.ª

Armazém de mercearia, cereais e legumes TORREFAÇÃO E MOAGEM ELECTRO-MECÂNICA DE CAFÉS

Cafés DELÍCIA

Rua Vasco da Gama, 45-47

Telefone 252

OLHÃO (PORTUGAL)

## FRIGORÍFICOS

Para talhos, Cafés, restaurantes e domésticos

Grandes facilidades de pagamento

Agência Comercial de Faro, Lda.

Telefones 76 e 118

FARO

# EM PROL DOS BOMBEIROS UMA CRÔNICA POR SEMANA

ENQUANTO se aguarda a conclusão técnica sobre o valor da respectiva construção, continuamos a registar a oferta de donativos para auxiliar a edificação do quartel-sede dos Bombeiros Voluntários da nossa terra.

Foram recebidos mais os seguintes donativos, que a respectiva comissão a todos reconhecidamente agradece:

Transporte. . . . .	17.650\$60
José Pereira de Oliveira, dig. <sup>mo</sup> piloto-mor de Vila Real de Santo António . . . . .	50\$00
Zé Luís . . . . .	2\$50
Um anónimo . . . . .	2\$00
Fernando Rodrigues Contreiras. . . . .	2\$50
Um setubalense . . . . .	2\$50
Maria da Conceição . . . . .	1\$80
<b>Soma. . . . .</b>	<b>17.711\$40</b>

## PLANO DE FORMAÇÃO SOCIAL E CORPORATIVA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

circunstâncias estranhas à nossa vida e à nossa terra, ficaram inalterados os princípios, continuaram na mesma arrumação as ideias fundamentais, permaneceram as instituições básicas do sistema e — o que muito importou — manteve-se vivo e construtivo o entusiasmo confiante da primeira hora.

Agora há, para diante, uma jornada também trabalhosa e difícil: o regime vai ser encimado pela cúpula final da organização, através da criação das primeiras Corporações, ao mesmo tempo que aperfeiçoado no funcionamento paralelo e convergente das suas peças e dos seus variados elementos e sectores de vida e acção.

Assim, cuidadosamente, com verdadeiro afincamento e muita fé, a Organização Corporativa vai seguindo em frente, como realidade fecunda e construtiva, sem perder o ritmo de concretizações e efeitos úteis que desde 1933 foram anunciados pela primeira legislação e prometidos ansiosamente nos primeiros e encorajadores impulsos que puderam ser-lhe dados.

O País sentiu já os benefícios naturais do Regime Corporativo e tem a consciência de que ele representa a vantagem de uma doutrina e de um sistema económico, social e político capazes de conduzir a Nação ao nível daquelas perspectivas de altura que lhe estão tradicionalmente marcadas pelas glórias de um passado que é, em si mesmo, a resenha de um destino de eternidade.

O Regime Corporativo corresponde às necessidades da Nação. Só ele pode realizar o complexo de interesses sociais e económicos em que a vida do agregado nacional se movimenta.

Só ele poderá assegurar a ordem e a disciplina das relações sociais entre o Capital e o Trabalho, e defender, no jogo interdependente dos interesses morais e materiais das profissões e das actividades económicas diferenciadas, os altos conceitos e as imprescindíveis reivindicações da Moral e da Justiça.

De há muito, porém, se faz sentir a necessidade de esclarecer e doutrinar, de levar a todos os lugares e a todas as consciências uma palavra clara de verdadeiro apostolado em favor dos princípios e das leis, das realidades e também das ansiedades do pró-

prio regime em movimento progressivo.

E' preciso, como acentuou o ilustre ministro das Corporações, dr. Veiga de Macedo, «levar a toda a parte, à oficina e ao escritório, ao patrão e ao operário, aos dirigentes corporativos e aos servidores do Estado, e até, quando necessário, ao próprio escol, a mensagem corporativa. Mensagem que todos devem escutar e seguir, se efectivamente se pretende — na hierarquia e no justo equilíbrio das posições e no agrupamento harmónico e natural das categorias económicas, profissionais ou morais — salvar a liberdade, evitando, quer da parte do Estado quer da parte das massas, excessos e abusos».

Essa campanha de doutrinação, esse movimento divulgador da Fé, essa comunicação entusiástica de sentimentos e aspirações, esse ardoroso e contagiante programa de esclarecimento, são a intenção profunda do plano de Formação Social e Corporativa que a vontade, a perseverança e a inteligência do referido ministro inspiraram e vão fazer executar nos tempos que se avizinham.

«E esclarecer, divulgar e educar» — eis a divisa que o ministro Veiga de Macedo traçou como base e programa de acção para os trabalhos executivos do Plano.

E' necessário «esclarecer», oferecendo uma palavra de compreensão quanto às ideias e à própria substância ou conteúdo da doutrina que andamos pregando e continuaremos a pregar.

E' conveniente «divulgar», dizendo em todos os lados as vantagens e os primores dos princípios morais do sistema preconizado.

E' urgente «educar», promovendo a disciplina e o entusiasmo cívico das multidões interessadas pela vida da Organização.

A divisa que ficou posta para iluminar a nossa acção e guiar os passos daqueles que não de receber o honroso encargo de espalhar ensinamentos e despertar dedicações, essa divisa condensa um largo programa de acção corporativa e abre inspiradamente o caminho para uma frutuosa campanha em prol das ideias e dos valores que creditam o Regime Corporativo português como substância fundamental do processo evolutivo de uma Revolu-

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

todo afasta a simpatia e a crença no semelhante. E, talvez até como reflexo desse facto, ninguém pensa em cumprir com os seus deveres, porque sabe de antemão que se deixou já de tomar a sério os bons propósitos dos outros. Quando se vê muita benevolência ou bem demasiado, logo se estranha e pensa: ou é «anjinho» ou está tramando qualquer coisa.

Vive-se numa permanente desconfiança e numa auto-defesa que tudo prevete, afastando a boa colaboração e entendimento entre os homens.

Por mais que se apregoe

## UM JOVEM PINTOR VILARREALENSE EXPÕE EM TÁNGER

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pintura, tais como: Naturezas mortas, retratos, paisagens, marinhas, imagens religiosas, etc.

E' nos sempre grato ver as elogiosas referências, feitas por estrangeiros, a artistas oriundos da nossa província.

Do texto do programa, e assinado por um crítico tangerino, transcrevemos a seguinte elogiosa referência:

«E' grato aos nossos olhos e à alma contemplar a serena e equilibrada beleza pictórica, sabiamente colocada sobre as telas deste jovem pintor, cujo primeiro apelido soa-nos como uma sinfonia marítima das costas portuguesas, de onde é oriunda esta promessa lusitana».

\*\*\*

Falar de artes e ofícios, falar de artistas vilarrealeses, trazer-nos alegria e, ao mesmo tempo, dá-nos tristeza, não tristeza por constatar os méritos dos nossos conterrâneos, mas, sim, tristeza por ver que tantos outros há que, sem um impulso iniciador, deixam morrer no íntimo do seu ser muitas vocações inaproveitadas.

Rapazes há, na nossa vila, que todos nós conhecemos, muitos deles no Centro de Adaptação ao Trabalho da M. P., que executam autênticas obras de arte em carpintaria e marcenaria; outros, que há muitos anos foram nossos discípulos, e cuja arte de desenhar se evidenciava de forma promissora, hoje jazem esquecidos em qualquer ofício, que executam sem entusiasmo nem gosto. Nunca é demais falar da justa aspiração da Escola Técnica, na nossa vila. Ela faz-nos falta, para que possamos caminhar para um futuro melhor.

Ao nosso antigo amigo, José Valdemar Lopes Correia, enviamos os nossos mais sinceros parabéns e os nossos desejos de continuidade, com êxito, na sua arte.

A. de Mendonça

ção que há-de atingir a plenitude, realizadora do seu ideário — na ordem, na disciplina e na Paz.

Marino de Carvalho

solidariedade ou fraternidade, elas jamais poderão prevalecer enquanto este estado de coisas se mantiver. E o pior de tudo é que não se antevê qualquer sinal ou esperança de modificação, antes pelo contrário, de dia para dia, aumenta o descrédito, o «dize-tu-direi-eu», a intriga peçonhenta e vil, a insinuação infundada, que vão servir para colocar em má posição este ou aquele, ou muito às claras se deprimem as virtudes do próximo, fazendo realçar as próprias, sem qualquer espécie de vergonha ou relutância.

O momento actual que se vive parece ter chegado à saturação, e não se vislumbra como possa descer-se mais.

Entre a multidão que se digladiava e desesperadamente luta, servindo-se de todas as armas ao seu alcance, desde a difamação à dentada, passando pelo tiro e pela punhalada nas costas, para manter-se ao de cima — como num gigantesco cataclismo onde os mais recalcados instintos transparecem; entre a multidão que se digladiava e desesperadamente luta, dizíamos, aparece de quando em vez um ingénio que pretende remar contra a maré ou remir os pecados alheios. Coitado do pobre: é imediatamente calçado e torna-se o bode expiatório ou, na melhor das hipóteses, é imediatamente esmirrado de tudo quanto se lhe possa extorquir. E assim, um caminho apenas lhe resta: enfileirar no magote dos sem escrúpulos ou não mais confiar em quem quer que seja, ainda mesmo que se trate do próprio pai.

Triste sorte a daqueles que nasceram nesta época e daqueles que nela são forçados a viver.

Onde será que o amor se escondeu? Parece que nesta época, onde o medo prevalece, até o próprio amor, que sempre foi uma esperança ridente nos corações, se apagou, quando não se transforma, simplesmente, num acto de traição.

Por quanto tempo mais vamos assistir a este aniquilamento da Humanidade? Por quanto tempo mais vamos permitir que até os sábios andem empenhados na destruição da vida? Por quanto tempo nossos corações estarão fechados ao infinito mistério da existência? Será que vamos repudiar toda a nossa civilização? Ou será que a civilização totalmente nos absorveu e procura destruir?

Não terá o homem forças para se libertar do estado caótico em que vive? Que é feito dos princípios morais?

Haverá alguém que queira vir a estas colunas responder às interrogações que aqui ficam?

José dos Santos Marques

### MANUEL DE SOUSA

SUCESSOR DE Sousa, Cabrita & C., Lda, SILVES - Algarve - Portugal

Rolhas e mais produtos de cortiça natural, tapetes, lã, palmilhas, etc.

AMOSTRAS GRÁTIS Em Vila Real de Santo António, pode dirigir-se ao representante, sr.:

MANUEL F. RIBEIRO ALVES Rua Teófilo Braga, n.º 8

## DESPORTO FUTEBOL TORNEIO POPULAR

Prosseguiu, no passado domingo, o «Torneio Popular de Futebol», com a realização de mais dois encontros, cujos resultados foram os seguintes:

Beira-Mar, 3 — Guadiana, 1  
Atlético, 2 — Celeiro, 3

### BEIRA-MAR - GUADIANA

Arbitro: José David.

BEIRA-MAR: J. Trindade; José Luís, Ismael e Calvino; J. António e Domingos; Lopes, Araújo, Bartolomeu, Borges e Damião.

GUADIANA: Branquinho; J. Maria, Segura e Helder; Bonança e Oliva; Jica, Aleixo, Ramires, Carlos e Pedro.

O triunfo do Beira-Mar só se verificou em virtude da infelicidade dos rapazes do Guadiana.

A primeira parte terminou sem golos, e na segunda parte, o Beira-Mar colocou-se em vencedor logo nos primeiros minutos, por intermédio de Lopes e o segundo por Calvino, tendo o Guadiana dimi-

nuido a diferença com um golo de Segura, e tendo ainda o Beira-Mar marcado o terceiro tento por Borges, ficando assim estabelecido o resultado.

### ATLÉTICO - CELEIRO

Arbitro: F. Mortágua.

ATLÉTICO: Alvaro; Natálio, Modesto e Vargas; Joaquim e Marques; Rodrigues, Miguel, Salvador, Carlota e Palma.

CELEIRO: Belo; José, Salsinha e Raimundo; Rogério e Joaquim; Nóia II, Nóia I, José Pedro, Barradas e Nica.

Apesar do esforço dos rapazes do Atlético, o Celeiro conseguiu uma vitória que não lhe foi fácil.

Ao primeiro tempo registava-se um empate a uma bola, com tentos de Salvador, pelo Atlético, e Barradas, pelo Celeiro.

No segundo tempo, o Celeiro colocou-se em vencedor, alcançando o segundo tento por intermédio de J. Pedro, tendo o Atlético conseguido o empate de grande penalidade, por Salvador; quando tudo parecia um empate, o Celeiro, a três minutos do final, obteve o tento da vitória, pelo seu centro-avancado José Pedro.

### Jogos para hoje

Hortalense - Guadiana — 16 horas  
Celeiro - Beira-Mar — 18 horas

### «OS NOSSOS FILHOS»

A Editorial «Os Nossos Filhos» vai lançar a «Coleção Rouxinol», poemas para crianças, ilustrados por crianças. O 1.º volume desta colecção, que deverá aparecer no mercado dentro de dias, intitula-se «O Livro da Tila», da autoria de Matilde Rosa Araújo, e as ilustrações são de várias crianças do Porto, entre as quais um grupo de alunos do pintor Nuno Tavares, que é também o autor da capa, concebida sobre um desenho infantil.



Fundição de ferro Serralharia Soldadura Guinchos para traineiras Montagem e reparações de motores Marítimos e Industriais Aparelhos de leme Patecos Argolas e mais apetrechos para barcos pesca

JOSÉ DE LIMA

## MONTEPIO GERAL

Modalidades de Previdência

PENSÕES DE SOBREVIVENCIA E DOTES RENDAS VITALÍCIAS A FAVOR DE PESSOAS CERTAS SUBSÍDIOS PARA FUNERAL E LUTO

EM 1956:

Recebeu dos seus ASSOCIADOS 4.909 CONTOS Pagou aos seus PENSIONISTAS 22.835 CONTOS

### CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Anexa ao MONTEPIO GERAL

Recebe -- DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO

Sede em Lisboa — Rua do Ouro, 219 a 241 Filial no Porto — Avenida dos Aliados, 90 Agências em COIMBRA, ÉVORA e FARO



Edifícios do Matadouro-Frigorífico da Câmara Municipal de Lisboa — nos Olivais

Peçam orçamentos aos nossos serviços técnicos que elucidarão V. Ex.<sup>as</sup> imediatamente sobre o vosso problema

## V. T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º E. Telef. 23690 LISBOA

## CHALLENGE

A marca que marca em produtos impermeabilizantes. Fabricados pela firma WILLIAM PNIGGS & SONS, de Dundee. 100 anos ao serviço da construção!

80% das construções em Portugal são impermeabilizadas segundo o nosso sistema, iniciado em Portugal há mais de — 30 ANOS. —



## UM SONETO ESPANHOL

# O JOSÉ TOMÁS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

crever, mas a falta de vista não lhe permitia já perceber as letras miúdas das cartas particulares ou amorosas.

No outro dia tornou a visitar-me e trouxe o papel e o sobrescrito para a desejada missiva. Tomou um ar sério e ditou a carta:

Querida amiguinha

Tenho muitas saudades tuas, principalmente dos dias passados na Praia da Rocha, quando os dias de Inverno deslizavam sem curiosos que nos espreitassem. Vem domingo a minha casa, após saíres da missa das 11. Não faltes.

Teu apaixonado

J.

O nome da mulher amada não o dizia o maroto. Mais cartas escrevi do mesmo teor. Ele, porém, insistia em recomendar-me absoluto segredo. Eu selava o compromisso com um sim, vibrante e enérgico. Mas, por dentro, ria-me do velho e andava furioso por não descobrir a adúltera. Desenvolvi secretamente uma actividade pasmosa. Quem seria a esfinge do velho José Tomás? Uma vez, falando com duas meninas maduras, minhas vizinhas, comuniquei-lhes o meu achado. Elas riram muito e a mais velha, com 30 anos feitos, prometeu colaborar comigo na descoberta da esfinge. Passou a vigiar o José Tomás, a contar as vezes que ele passava pela rua fronteiriça à igreja matriz. Era uma rapariga ladina e despeitada por não casar. Para este serviço de espionagem são, ordinariamente, as mais hábeis. Pertencem à raça das cadelas perdigueiras...

Uma noite de Verão, que parei à sua janela, diz-me em surdina: — Já descobri o amante do seu achado.

— Deveras, ou brincando? — interpelei.

E ela, risonha, orgulhosa e satisfeita, disse-me ao ouvido:

— É a Vitória, a mulher do seu sapateiro.

Caf das nuvens e resolvi tirar partido da descoberta. Os encontros realizavam-se aos domingos. A Vitória entrava pela porta da frente da igreja e saía pela porta lateral, do lado direito. Metia-se pelas travessas e regressava pelo mesmo caminho.

Trabalho perfeito e limpo, que eu resolvi atalhar, para honra do meu rotundo sapateiro...

Na outra semana, o José Tomás voltou a ditar-me nova carta para a sua esquiva amante. Não hesitei, pois em mim borbulhava já um secreto desejo de epilgar o idílio rançoso. A medida que José Tomás declinava as frases meigas, eu intercalava estas dize-res: *Vitória, tem vergonha e juízo; Vitória, mulher mundana, Madalena do nosso tempo!*...

A primeira carta, com estas brejeirices, não deu resultado; a segunda estalou como uma potente bomba de S. João.

O apaixonado apareceu-me com dois fragmentos da carta, interrogou-me severamente, fitando-me de frente:

— Francisquinho, diga-me a verdade. Estes dizeres são na última carta que me escreveu?

Senti percorrer-me a espinha dorsal um prolongado calafrio. Tornei-me pálido e pensativo.

Que responder? A mentira ou a verdade?...

A mentira seria a salvação, e a verdade a perdição. Atirei a verdade para trás das costas e recobrei a minha serenidade.

— O sr. José Tomás vê perfeitamente que essa letra não é a minha... Essa mulher deve ter outro amante e procura assim descartar-se do sr.!

O José Tomás, convencido com o meu poderoso argumento, obtemperou:

— E' o mesmo que eu já pensei... Estou velho e pobre e já não lhe posso dar o que antigamente lhe dava. Atrévada. Enganar ao mesmo tempo o marido e o seu primeiro amante!...

O homem safu e pediu-me desculpa do mau juízo que de mim havia feito...

Abençoei, depois do ciumento Otelo sair, a inspiração que me forneceu o professor Carlos Silva, autor do «Paleógrafo», que eu estudei na minha infância. Livrou-me das garras do perigoso José Tomás — a mim e à inocente Vitória!

Quando eu me preparava para narrar esta série de artigos patéticos, o «Diário do Alentejo» remeteu-me um jornal do Norte, que para Beja foi dirigido ao meu nome literário. Li-o com manifes-

to agrado, e encontrei uma correspondência de Lisboa, assinada pelo jornalista Carlos Silva. Fiquei perplexo. Senti de novo percorrer-me a espinha dorsal o prolongado calafrio de há 67 anos.

Seria, pois, o mesmo Carlos Silva, ou outro? Tornei a cotejar os nomes e as intenções, a transmissão do pensamento e a metamorfose das almas, nada encontrando de igual e nem sequer de semelhante.

O professor Carlos Silva livrou-me de uma sova mestra e o jornalista Carlos Silva atraía-me para o abismo da morte... Na melhor das intenções, pretendia promover uma homenagem ao mais velho jornalista da actualidade, que era eu. Apressei-me a agradecer a lembrança e ao mesmo tempo a recusá-la. Que prazer teria eu em receber uma homenagem como sendo o *mais velho jornalista português*? Ainda se fosse o mais novo...

Não recorri, naturalmente, à caligrafia gótica do livro que eu decorei religiosamente em criança, para uns anos depois me livrar das fúrias do José Tomás; mas aleguei, no restrito campo da verdade, do meu estado de saúde e da minha sóbria alimentação. Uma alteração aos meus hábitos de veterano dos jornais talvez me levasse, bruscamente, para o reino das malvas e dos vermes...

No entanto, amavelmente, confessei-me agradecido ao meu afectuoso admirador Carlos Silva, optando pelo meu silêncio e obscuridade.

Abro, para variar de leitura, um livro de Enrico Ferri — «Os Criminosos na Arte e na Literatura». Este sábio italiano amava a arte e a ciência, os artistas e os doentes, toda essa legião de predestinados à loucura, ao vício, à vaidade e a tantos outros males que marulham no subconsciente da Humanidade.

Nos últimos anos, uma epidemia de homenagens alastrou pelo nosso país. Epidemia, moda ou florescência exótica de génios a germinarem em tantas classes? O nome mais adequado é o que menos importa, não pela opulência ou modéstia do festejado, mas pelo significado mental, moral e social da festa.

São funcionários públicos atingidos pelo limite de idade, comerciantes e industriais, jornalistas e poetas, médicos e enfermeiros, advogados e procuradores, alfaiates e sapateiros.

Cada um dos homenageados apresenta uma folha de serviços que é mesmo de estarrecer os povos de aquém e de além-mar.

A páginas 218 do citado livro de Ferri, encontrei a explicação dessa epidemia, que ataca, de

preferência, os homens intelectuais: «Dante dizia já da nobreza moral que ela raramente passa do tronco para os ramos. Quando para aí passa, durante algumas gerações, conduz à degenerescência, à fraqueza, à idiotia, à esterilidade, ao suicídio. A espécie, a colectividade — eis a grande, a eterna realidade da Vida».

O que Dante observava no seu tempo degenerou, mais tarde, nesta apatia dissolvante, que se tornou universal e promete contagiar todos os povos que se julgam civilizados.

As cornetas laudatórias abusam da paciência e desatam a enumerar os livros publicados, os artigos críticos e os retratos que vieram nos livros, nos jornais e nas revistas literárias.

«Manual dos Namorados» foi um livro usado no século passado. «Manual dos Génios» pode ser também uma farmacopeia útil para os cultores do elogio mútuo!

Uma sessão solene e uma jantarada são o remate destas apoteoses preparadas nas tertúlias de Lisboa e das províncias.

Todavia, os franceses ergueram, há anos, um monumento ao poeta Félix Arvers, por ter incluído no drama de amor nas catorze linhas de um soneto genial.

Composição banhada de sentimento e dirigida a uma senhora casada — a esposa do seu colega Charles Nodier!

Os portugueses também gravaram no coração seis livros de versos de seis poetas que faleceram há muitos anos: «Flores do Campo», de João de Deus; «Livro de Cesário Verde» (póstumo), de Cesário Verde; «Só», de António Nobre; «Luar de Janeiro», de Augusto Gil; «Fel», de José Duro; e «Charneca em Flor», de Florbela Espanca.

Bastou um livro de cada poeta para se imporem à consideração popular e os seus nomes serem esculpidos no bronze e no mármore.

Ninguém lhes ofereceu uma sessão pública ou um banquete de iguarias preciosas; viveram e morreram pobres, mas dessa pobreza material brotou um clarão que ilumina essa meia dúzia de artistas!

Chamaram-me para almoçar. Tenho um almoço sóbrio: um prato de flocos de aveia. Devero os flocos, com apetite. Detesto a variedade de pratos. Mesmo assim, enfartei-me. Abro a gaveta da secretária e ergo uma caixinha elegante: «Fructines-Vichy». São os meus antídotos para os desarranjos intestinais.

Um banquete, na minha idade, equivalia a um passaporte para a derradeira viagem...

Marcos Algarve

## A BOA IMPRENSA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

multidão das informações, as que não-de ser publicadas, decidir do local onde não-de ser impressas, da extensão aconselhável, do relevo do título—tudo são actos que vêm a influir na opinião pública e que podem, em certos casos, produzir consequências incalculáveis».

Se atentarmos em que o jornalismo deve constituir um autêntico sacerdócio, tendo sempre como fim a atingir a moral dos costumes, a estrénuo defesa dos interesses nacionais, a doutrinação das ideias e todos os benefícios que não colidam com o direito internacional e as amigáveis relações entre os povos, temos de reconhecer a justiça das palavras que atrás transcrevemos, e como é fácil verificar as inconveniências, às vezes criminosas, cometidas pela má imprensa, quando ela desvia a sua actividade para o cultivo do escândalo e da mórbida curiosidade dos seus leitores, que, em lugar de se cultivarem com a leitura, se deseducam e corrom-

pem, desviando-se do caminho construtivo que deve ser a linha de conduta de todo o cidadão que se preza.

Sobre este aspecto, disse o senhor ministro da Presidência que «crescem dia a dia as ideias falsas e as concepções errôneas». Se nos lembrarmos que de se está tentando fazer do colonialismo um crime, esquecendo-se a acção civilizadora da Europa em territórios habitados por tribos selvagens ou por estagnados num primitivismo estático, poderemos medir os perigos que correm os ideais do Espírito e da Humanidade.

Luís Fernando Rodrigues

## RECENSEAMENTO ESCOLAR

Estando presentemente a proceder-se às operações do recenseamento escolar, a respectiva Direcção do Distrito chama a atenção dos pais com filhos em idade escolar, ou seja dos 7 aos 12 anos, completados até 31 de Dezembro próximo, para a necessidade que têm de se dirigir às comissões das respectivas freguesias a fim de darem os esclarecimentos necessários à indispensável eficiência deste serviço.

## De vez em quando...

# OS CEGOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

com eles se pode praticar. Ia mesmo dizer, é uma afronta que com eles se pratica.

No nosso país não se encara a sua situação como devia ser encarada. Não sei o que se faz lá por fora. Outro dia, no eléctrico, dois indivíduos conversavam sobre o que se faz a esse respeito em Espanha. Tive pena de não poder aprender ou acompanhar a conversa.

Em Portugal, é só isto—caixinha nas mãos ou o cego tocando concertina e um que vive à sua custa pedindo para... os dois. Instruem-se os cegos. Mas para quê, se depois é mais doloroso o seu calvário? O caminho é sempre o mesmo — a rua com a caixinha.

Não há muitos anos, um cego pedinte, creio que amparado por uma mulher, estudou e formou-se. Que caminhos se lhe abriram em frente? Levou tempo antes que um ministro lhe arranjasse colocação, não sei onde nem se em quê.

Há pouco tempo foi fazer exame à minha zona um cego. Não assistiu ao exame, mas vi a sua prova escrita. Se os senhores lessem a sua prova de redacção sobre a caridade comover-se-iam como eu me comovi. As suas palavras eram coadas por uma mágoa que lhe dava maior luminosidade, que mais sentidas as tornava.

Pois é necessário que se crie um Instituto de Educação dos Cegos. Eles têm utilidade, aptidões especiais, e é necessário aproveitá-las, não os deixar estagnar em corpo e em espirito. Conheci um cego do meu concelho, de Malfrade, que tocava rabeca pelas feiras e cantava ao desafio.

Fui seu assistente muitas vezes. Era o José Romão, que veio a morrer no concelho de Castro Marim, em casa de um filho. O instrumento em que tocava lá estava na exposição dos Centenários, em Faro.

Fizera-o ele por suas mãos quando permanecia em casa, folgando das andanças pelas feiras, ia, só, pelos ásperos montes da serra de Vaqueiros e descia aos barrancos em busca de paus de alondro, com que fabricava cadeiras. Disseram-me que com os proventos que adquiria ainda ajudava um irmão a criar os filhos.

Fazem-me muita pena os cegos que eu vejo por aí, arrumados às paredes, caixinha de esmolas nas mãos, rostos parados e olhando para o alto com os seus pobres olhos inúteis!

Não tenho inscrição em sociedade de bailes ou clube de rebenta-canelas, mas pago quota num asilo de ceguinhos. E quando às suas festas assisto, considero-me devedor pelo banho de luz que recebo.

Não haverá por aí nenhum homem rico que queira ser Homem e que, à semelhança do que fez Rovisco Pais com os leprosos, legue toda ou parte da sua fortuna para a criação de um Instituto de Cegos?

Trindade e Lima

## FOI ELEITA

### “BELEZA REGIONAL DE 1957”

a representante da

### “CASA DO ALGARVE” EM LISBOA

Na noite de 8 do corrente, realizou-se no Clube Estefânia, em Lisboa, o festival para a eleição da «Beleza Regional 1957» — iniciativa do «Cruzeiro Musical», que obteve assinalado êxito.

Apresentaram-se representantes de 16 Casas Regionais, tendo o júri, composto pelo jornalista Vítor Direito, maestro Marques Ribeiro, artistas Moniz Trindade e Carlota Calazans, Carlos de Barros Queirós (chefe da delegação em Lisboa de «O Mundo Português», do Brasil), Mário de Almeida, Rodrigues Piteira (da Revista «Flama»), e poeta Mário Cristiano da Silva, atribuído o 1.º prémio, por unanimidade, à representante da «Casa do Algarve», Natércia Fernandes, estudante liceal, de 18 anos, natural de Portimão. Os 2.º e 3.º prémios foram atribuídos às representantes da «Casa de Lafões» e da «Casa da Comarca de Arganil», Maria Gisela e Regina Maria, respectivamente.

Anuncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

# SILVES

«O' Abu Becr, ó meu melhor amigo,  
Saída em Silves os lugares qu'ridos  
Que eu tantas vezes percorri contigo.

Soberbo alcaçar de reais salões,  
Que povoam cândidas beldades  
E sevos vultos de cruéis leões

Oh! dize, dize a esses sítios belos  
Que aqui saudosos um jovem cavaleiro  
Suspira e anseia por tornar a vê-los

Motamid»

Os estudos da arqueologia, robustecidos por valiosos documentos da época, parecem confirmar sobejamente estas arduas estrofes de Motamid. Referem-se a Silves. Invocam Silves com saudade bem vincada e fazem-nos crer nessa antiga glória de que muitos descreem.

Silves é hoje uma cidade velha. Uma cidade que viu nascer Portugal, quando vivia em toda a pujança das suas forças naturais. Uma cidade que sentiu, na animação colorida das suas ruas primitivas, a tenacidade dos primeiros portugueses. Uma cidade que viveu rodeada de grandes nomes nas Artes e nas Letras, e de grandes maravilhas nos seus palácios e nos seus arredores. Motamid confirma-o. Motamid deixou para as gerações vindouras esse grito de beleza, essa cidade de amor.

D. Sancho I, num rasgo de heroísmo, auxiliado por um grupo de valerosos cruzados, veio conquistar em 1189, essa pérola inapreciável. Foi um rude golpe. Mas uma campanha magnífica, uma vitória extraordinária.

Era difícil manter a posse de tamanha maravilha, conquistada isolada numa região onde o domínio árabe se impunha totalmente. Reconquistada a cidade pelos árabes, só mais tarde entrou para o reino de Portugal com a conquista definitiva do Algarve por D. Afonso III. Mas do esplendor antigo restavam somente gritos dispersos. Nunca mais, no longo decorrer dos séculos, esse burgo retomaria, proporcionalmente ao tempo, o mesmo lugar que então usufruira. Grossas muralhas, sóbrios e imponentes, ficariam assinalando para sempre uma verdade que a história confirma.

É um espectáculo admirável o que Silves nos oferece hoje. Um castelo de força, de tradição e de passado, erguido no alto da colina. Derramadas pela encosta, as casas humildes e brancas do presente sorriem para a beleza verde do vale e para a velhice secular do solo em que se apoiam. Ruínas não conservadas dominam, dispersas, esse conjunto agradável. Salpicos verdes completam o presépio. E um céu azul, um céu luminoso, um céu algarvio, inunda todo esse sorriso de velhice com intensas chapadas de luz. Na base, um rio, magro pelo decorrer dos anos, duplica imagens na tranquilidade das suas águas.

Um povo laborioso, na maioria formado de operários, labuta diariamente nas fábricas, nas lojas, nos verdes campos. É um povo culto, agarrado a fortes tradições. Defende, com amor, o passado da sua terra e ajuda o movimento cultural das gerações, a renovação urbanística das ruas tortas da cidade velha.

Silves conta com um povo amigo. E conta também com filhos de valor, que têm sabido representá-la nos vários pontos do País ou do estrangeiro. Seria inútil enumerar aqui alguns desses homens, até porque a glória deles está bem patente nas páginas da nossa história ou nas da nossa vida social, quer situando-se no campo das Artes, quer situando-se no das Letras.

Assim, portanto, é justo que Silves, esse símbolo glorioso, que a paisagem ridente do Algarve contempla, tenha as suas aspirações. A juventude, muitas vezes amolecida pelas tendências anormais da época, não alcança a intenção mais íntima dessas aspirações. Mas, imbuída de alguns conhecimentos e de alguma cultura que os estabelecimentos da terra lhe ministram, tem sabido marcar posição. Nas ruas, a excitação das suas forças, dos seus movimentos e da sua alegria, põe uma nota juvenil nas cores paradas das casas. E sempre que as férias começam e os estudantes se afastam, fica pairando, pelos lugares habitualmente frequentados por eles, um grito de abandono. Um ou outro transeunte vai quebrar esse desespero do cenário com o seu andar pachorronto, a destacar-se nos sorrisos mortos das coisas.

Hoje, a agricultura desenvolve-se, mercê de uma barragem; a

juventude anima-se com as perspectivas da nova Escola; o povo quase se entenece ao pensar no cine-teatro que vai construir-se, nos novos melhoramentos que estão em curso e nos outros que estão em projecto.

O Desporto, essa mola extraordinária que hoje subjugava tão completamente as tendências mais altas, também em Silves está representado. De um modo modesto, é verdade, mas suficiente para a renovação das forças e para a cultura física dos jovens. Nem outra coisa seria necessária para uma interpretação perfeita de Desporto.

Há uma necessidade premente de melhorar urbanisticamente a cidade. As autoridades competentes esforçam-se, de acordo com os habitantes, por satisfazer essa necessidade. Melhoramentos importantes já foram levados a efeito, mas é preciso muito mais, se quisermos incluir Silves no número das cidades progressivas do País, no número das cidades que honram o País.

Assim há-de ser. Os turistas que a despeito das más condições que se lhes oferecem, vêm visitar Silves, ficam maravilhados com o pitoresco e com o colorido do espectáculo. O que aspiramos para Silves irá melhorar essa impressão e reunirá melhores condições para o turista.

Esta paisagem, que o sol do Algarve pinta, este recorte de verdura, de velhice e de beleza, não é, realmente, para desprezar. Necessitamos de cuidar do turismo em Silves, que é o mesmo que dizer: necessitamos de valorizar o turismo no nosso País.

Isto são palavras que todos os dias se dizem; isto são palavras que todos os dias se ouvem. Palavras que vão sendo acatadas. Com elas já se conseguiu muita coisa. Com elas, com o esforço do povo trabalhador e das entidades dirigentes, havemos de conseguir muito mais. Uma luta nunca é inútil. E uma fé nunca vibra em vão.

Fica assim, julgamos, desenhado, de um modo vago, mas suficiente, o grande desejo que os silvesenses têm de melhorar e de elevar a sua terra. E haverá desejo mais justo, num povo, que a luta à sombra de um passado de glórias e na luz de um presente feliz?

João Manuel Rocha de Sousa

## UM MELHORAMENTO

de urgente necessidade

Quando a nossa Câmara Municipal procedeu à instalação da rede geral para abastecimento de água, acabando, muito justamente, com o anacrónico regime mantido pela empresa que detinha o monopólio da distribuição, houve o propósito, muito louvável, de dar a cada casa a possibilidade de adquirir o preço e indispensável líquido, para o que, desde logo, se fez a respectiva ligação à entrada de cada prédio.

Esperaram então os ocupantes dos postos cobertos do mercado municipal que também para si fosse extensiva essa instalação. Mas não. Continuaram a ficar privados desse melhoramento, e até hoje ainda não lhes é proporcionada a possibilidade do abastecimento directo da água que necessitam. Quer dizer: a Câmara cuidou das casas particulares, mas esqueceu-se das suas próprias dependências.

Será que as mercearias, talhos, barbearias e outros estabelecimentos instalados nos postos do mercado 1.º de Maio não necessitam de água para higienização?

Acreditamos, de boa fé, que não seja este o pensamento de quem tem o encargo de zelar por estes pormenores. Mas considerando a demora na justa regularização desta lacuna, aqui deixamos o nosso reparo, dirigido aos competentes serviços municipais.

Oxalá o vejamos satisfeito, em curto espaço de tempo...

Assinala e propaga «Noticias do Algarve»